



**PROF HISTÓRIA**  
MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA**

**LUÍS EDUARDO ANDRADE PACHECO**

**“MAS ESTA NÃO É A MINHA CIDADE”:** NARRATIVAS E SENSIBILIDADES NO  
**ENSINO DE HISTÓRIA DE FORTALEZA**

**NATAL**  
**2020**

LUÍS EDUARDO ANDRADE PACHECO

“MAS ESTA NÃO É A MINHA CIDADE”:  
NARRATIVAS E SENSIBILIDADES NO  
ENSINO DE HISTÓRIA DE FORTALEZA

Dissertação de Mestrado apresentada à  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte,  
como requisito parcial à obtenção do título de  
Mestre em Ensino de História pelo Programa de  
Pós-Graduação Mestrado Profissional em  
Ensino de História – PROFHISTORIA.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Airon Silva.

NATAL  
2020

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN  
Sistema de Bibliotecas - SISBI  
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes -  
CCHLA

Pacheco, Luis Eduardo Andrade.

"Mas esta não é a minha cidade": narrativas e sensibilidades no ensino de história de Fortaleza / Luis Eduardo Andrade Pacheco. - Natal, 2020.

82f.: il. Color.

Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2020.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Airon Silva.

1. Ensino de história - Dissertação. 2. História local - Dissertação. 3. Narrativas - Dissertação. 4. Imaginário - Dissertação. 5. Cidade - Dissertação. I. Silva, Roberto Airon. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 94:37(813.1)

LUÍS EDUARDO ANDRADE PACHECO

“MAS ESTA NÃO É A MINHA CIDADE”: NARRATIVAS E SENSIBILIDADES NO  
ENSINO DE HISTÓRIA DE FORTALEZA

Dissertação de Mestrado apresentada à  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte,  
como requisito parcial à obtenção do título de  
Mestre em Ensino de História pelo Programa de  
Pós-Graduação Mestrado Profissional em  
Ensino de História – PROFHISTORIA.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Roberto Airon Silva

Orientador

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

---

Prof. Dr. Magno Francisco de Jesus Santos

Examinador interno

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

---

Prof. Dra. Ana Amélia Rodrigues de Oliveira

Examinadora externa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

A todos aqueles que sonham, acreditam e lutam  
por uma educação libertadora.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família por todo apoio, incentivo e por ser minha base e o local para onde eu sempre posso retornar. Agradeço à minha mãe, Suelene Andrade, por me incentivar a viver tudo aquilo que eu acredito ser bom para mim, por sempre me lembrar que sou capaz de muito mais, por acreditar que a educação é o único bem que jamais será tirado de nós. Por todo esforço que me permitiu chegar onde cheguei e chegarei. Aos meus irmãos Carlos Henrique e Suyane Andrade por serem meus maiores parceiros nesta vida, por serem o elo mais bonito e forte com o meu passado, por todo amor!

Agradeço ao meu orientador Roberto Airon. Obrigado por me guiar nesta trajetória, por me mostrar que mais importante que chegar ao final do percurso são as transformações que passamos ao longo de todo o caminho que fazem valer todo o esforço. Obrigado por toda compreensão e humanidade e incentivo nos momentos mais difíceis que vivi durante este período. Obrigado por cada orientação, por cada conversa que me ajudaram não apenas no meu crescimento intelectual, mas também pessoal. Obrigado por me mostrar que a vida acadêmica pode ser de uma outra forma.

Agradeço aos meus colegas de mestrado, formamos uma turma incrível, me sinto muito honrado em ter sido parte da turma de 2018. Vocês foram fundamentais nesta insana jornada em busca no tão desejado título de mestre.

Um agradecimento mais do que especial faço à Letícia Lopes, Helayne Mikaele e Carla Renata. Sem a amizade de vocês esta jornada teria sido muito mais difícil. Obrigado por cada momento que passamos juntos, pelas conversas, por toda confiança que vocês depositam em mim, pelas risadas, por cada palavra, por cada abraço, por esta amizade tão bonita que soubemos cultivar. Vocês certamente são uma das partes mais bonitas da minha trajetória no mestrado. E que orgulho tenho das mulheres fortes, inteligentes e incríveis que vocês são. Aprendo muito com vocês.

Às minhas colegas e amigas de orientação Glaucia e Pollyana. Que sorte a minha ter vocês ao meu lado.

À Iris Portela que desde o primeiro dia que a conheci sempre me recebeu com muito carinho e alegria todas as vezes que me hospedava no hostel que trabalhava. Você deixou Natal com cara e jeito de lar. Obrigado, Preta, por tudo!

Agradeço a todos meus amigos que me incentivaram e torceram por mim por todo esse período.

Agradeço aos meus alunos por me mostrarem quão mágico pode ser uma sala de aula, que a relação professor-aluno é de uma grandiosidade e delicadeza sem tamanho. Vocês é que dão sentido a tudo.

Agradeço aos professores e professoras que tive no programa ProfHistória da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Obrigado por todo conhecimento compartilhado e por ter feito eu me (re) encantar pelo ensino de história.

Agradeço a CAPES pela bolsa de pesquisa que possibilitou minha permanência no programa de pós-graduação e conseqüentemente o desenvolvimento desta dissertação.

Senhora, por quem sois. Esta cidade se entrega à vossa graça, com seus sortilégios, encantamentos, querenças e quenturas. Ficai a gosto, como na vossa própria casa.

Milton Dias

Aldeia, aldeota  
Estou batendo na porta, pra lhe aperriar  
Pra lhe aperriar  
Pra lhe aperriar  
Eu sou a nata do lixo  
Sou o luxo da aldeia  
Sou do Ceará

Ednardo

## RESUMO

O presente trabalho propõe debater a questão do ensino de história local no ensino médio a partir das narrativas e experiências que os alunos trazem da cidade em que vivem. A pesquisa foi realizada por meio de aplicação de questionário e conversas com os estudantes de uma escola pública de tempo integral na cidade de Fortaleza - CE, o Colégio Estadual Liceu do Ceará, em que se buscou conhecer a forma como esses alunos se relacionam, sentem, vivenciam e constroem o sentimento de identidade e pertencimento com a cidade de Fortaleza. Diante da lacuna existente na grade curricular de história do ensino médio sobre história local e dos resultados obtidos após análises dos dados gerados por esta pesquisa, o produto didático que emerge resultante de todo o processo de investigação é a criação de três roteiros para a realização de minidocumentários que abordam a perspectiva do aluno sobre a cidade em três pontos específicos: o imaginário, os locais de memória e o conhecimento histórico. O que se propõe com este produto é contribuir para as aulas de história local e permitir que os alunos possam ter outros olhares sobre a relação deles com a cidade.

Palavras-chave: Ensino de História. História Local. Narrativas. Imaginário. Cidade.

## **ABSTRACT**

This work proposes to debate the issue of teaching local history in high school from the narratives and experiences that students bring from the city in which they live. The research was done through the application of a questionnaire and conversations with the students of a public full-time school in Fortaleza city – CE, the Colégio Estadual Liceu do Ceará, in which it was wanted to know how these students relate, feel, experience and build the identity's feeling and belonging with the Fortaleza city. Before the void existing in the curriculum of high school history on local history and the results obtained after analyzing the data generated by this research, the didactic product resulting is the creation of three mini-documentaries' scripts that address the student's perspective on the city in three specific points: the imaginary, the places of memory and historical knowledge. What is proposed with this product is to contribute to the local history classes and allow students to have other point of views on their relationship with the city.

Keywords: History teaching. Local History. Narratives. Imaginary. City.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	–	Café do Comércio (Praça do Ferreira) .....	29
Figura 2	–	Jardim 7 de Setembro (Praça do Ferreira) .....	30
Figura 3	–	Praça do Ferreira na década de 1930 do século XX.....	30
Figura 4	–	Praça do Ferreira, dias atuais.....	31
Figura 5	–	Praia de Iracema década de 30 do século XX.....	34
Figura 6	–	Praia de Iracema em 1939.....	34
Figura 7	–	Trecho da Praia de Iracema/ ‘Crush’. Ano 2010 (século XXI) .....	35
Figura 8	–	Manchete do jornal Diário do Nordeste (2019) .....	63
Figura 9	–	Trajeto Colégio Estadual Liceu do Ceará - Theatro José de Alencar.....	65
Figura 10	–	Trajeto Theatro José de Alencar - Praça do Ferreira.....	65
Figura 11	–	Trajeto Praça do Ferreira - Praça dos Leões.....	66
Figura 12	–	Trajeto Praça dos Leões - Colégio Estadual Liceu do Ceará.....	66
Figura 13	–	Lagoa do Urubu no bairro Álvaro Weyne.....	70

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Conhecem a História da cidade de Fortaleza.....	48
Gráfico 2 –	Conhecer a história da cidade interfere no modo de vivenciá-la?.....	48

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL E A CIDADE: CANTANDO MINHA ALDEIA EU CANTO MUDO.....</b>	<b>18</b>
<b>2.1</b>	<b>História local e o ensino de história.....</b>	<b>18</b>
<b>2.2</b>	<b>A cidade e a História.....</b>	<b>24</b>
<b>2.3</b>	<b>A cidade de Fortaleza: o viajante, o cronista, o memorialista.....</b>	<b>25</b>
<b>3</b>	<b>FORTALEZA DE AFETOS: IMAGINÁRIOS, NARRATIVAS E SENSIBILIDADES.....</b>	<b>37</b>
<b>3.1</b>	<b>“Adeus, adeus só o nome ficou/adeus Praia de Iracema, praia dos amores que o mar carregou”: das praias e encantos a uma cidade de medo e violência.....</b>	<b>38</b>
<b>3.2</b>	<b>A cidade dos afetos: sentimentos e experiências de um viver urbano.....</b>	<b>44</b>
<b>3.3</b>	<b>A cidade de Fortaleza e o conhecimento de sua história.....</b>	<b>47</b>
<b>3.4</b>	<b>Narrativas sobre uma cidade.....</b>	<b>54</b>
<b>4</b>	<b>EM BUSCA DA (MINHA) CIDADE INVISÍVEL – O PRODUTO.....</b>	<b>58</b>
<b>4.1</b>	<b>O produto. Roteiros de uma cidade: Caminhos, afetos e histórias.....</b>	<b>61</b>
4.1.1	Informações gerais.....	61
<b>4.2</b>	<b>Roteiro 01: A cidade que eu vivo: Imaginário e contradições.....</b>	<b>62</b>
4.2.1	Plano de Ação.....	64
4.2.1.1	<i>Antes da gravação.....</i>	<i>64</i>
4.2.1.2	<i>Gravando.....</i>	<i>67</i>
4.2.1.3	<i>Editando.....</i>	<i>67</i>
<b>4.3</b>	<b>Roteiro 02: Cidade de memórias e afetos (Pertencimento, identificação) .....</b>	<b>67</b>
4.3.1	Plano de Ação.....	70
4.3.1.1	<i>Antes da gravação.....</i>	<i>70</i>
4.3.1.2	<i>Gravando.....</i>	<i>71</i>
4.3.1.3	<i>Editando.....</i>	<i>71</i>
<b>4.4</b>	<b>Roteiro 03: Conhecendo a História da minha cidade.....</b>	<b>72</b>
4.4.1	Plano de Ação.....	73
4.4.1.1	<i>Antes da gravação.....</i>	<i>73</i>
4.4.1.2	<i>Gravando.....</i>	<i>73</i>

4.4.1.3	<i>Editando</i> .....	74
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	75
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	78

## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação surge como um reflexo da minha trajetória como professor de História e o interesse pela cidade de Fortaleza.

Em quase dez anos no exercício da docência no Ensino Básico da rede pública de ensino do Estado do Ceará, pude perceber que a história local não é contemplada na grade curricular de maneira mais enfática. Não existe uma disciplina que contemple os aspectos da construção e desenvolvimento histórico do Estado ou da capital, a cidade de Fortaleza. Essa ausência no currículo escolar sempre me inquietou, afinal, como é possível que os alunos tenham conhecimentos sobre as antigas civilizações, Idade Média, as mais diversas revoluções que modificaram a humanidade, os povos nativos do que hoje é conhecido como Brasil, sobre a formação do Estado nacional brasileiro e seus principais fatos históricos até os dias atuais, e não estudarem nada acerca da história local? Como pode o aluno saber do desenvolvimento da capital do país e não ter nenhuma informação sobre o processo de desenvolvimento da capital do estado em que vive? Como compreender o processo de construção de uma identidade nacional, se identificar como brasileiro e não ter ciência do processo de construção de uma identidade local?

Diante dessas inquietações, em 2018, com o novo modelo de Ensino em Tempo Integral<sup>1</sup>, desenvolvido pela Secretaria de Educação do Ceará - SEDUC-CE, tive a oportunidade de criar uma disciplina eletiva sobre História do Ceará para alunos do Ensino Médio no Colégio Estadual Liceu do Ceará. Nesse novo modelo de ensino em tempo integral os alunos têm de optar por 4 disciplinas eletivas. Cada eletiva é ofertada a cada semestre, ou seja, ela é de curta duração comparada com as outras disciplinas da grade curricular e a disciplina é pensada e desenvolvida pelo professor.

Longe de ser o cenário ideal, a ideia de uma disciplina que pudesse abordar a história local foi algo que me animou e me instigou como professor. Pela primeira vez pude trabalhar com História do Ceará de uma maneira direta. A história local estava sendo contemplada. E

---

<sup>1</sup> Em linhas gerais este modelo de ensino consiste: “Dimensões fundantes da prática educativa das escolas: 1. A escola deve ser concebida como uma Comunidade de Aprendizagem; 2. A Aprendizagem Cooperativa deve ser o método pedagógico estruturante; 3. O Protagonismo Estudantil é um princípio imperativo para qualquer proposta de ensino médio. Dimensões pedagógicas: a) a pesquisa como princípio pedagógico e o trabalho como princípio educativo; b) a desmassificação do ensino; c) itinerários formativos diversificados. Cada aluno tem cinco tempos eletivos por semana que visam diversificar o currículo e oportunizar a construção do itinerário formativo de acordo com seus interesses e projeto de vida no decorrer do ensino médio, sendo ofertadas 45 horas/aulas semanais e nove tempos diários com disciplinas da base comum, diversificada e opcional” (CEARÁ, 2017).

justamente durante essas aulas que algo chamou minha atenção em relação à questão do ensino de história, história local e a identificação do aluno com a cidade em qual vive.

“Mas professor, essa não é a Fortaleza que eu vivo”. A frase dita por um aluno me fez despertar o interesse em conhecer sobre que cidade é essa que é o palco de suas experiências de vida, que cidade é essa que é sentida e percebida por ele, como se dava o processo de identificação dele com a cidade e que Fortaleza é essa que lhe era possível viver?

Importante ressaltar que a escola em questão, o Colégio Estadual Liceu do Ceará, é uma escola centenária, tendo sua fundação no ano de 1845. Escola situada no bairro de Jacarecanga, bairro que no início do século XX foi morada das famílias abastadas de Fortaleza. Escola esta que, ao longo de sua história, viu passar em seus corredores alunos que posteriormente assumiram papel de destaque não apenas no campo político estadual, mas também nacional. Como também no mundo das artes. Hoje é uma escola que recebe alunos dos mais diversos bairros de Fortaleza e, também, alunos da região metropolitana. Fazem parte do corpo discente desde alunos com baixo poder aquisitivo, alunos de bairros periféricos e alunos oriundos de famílias financeiramente mais favorecidas. Assim, o Liceu do Ceará encontra em seu quadro de alunos uma interessante diversidade social.

Após uma breve sondagem com os alunos da disciplina eletiva de História do Ceará e com os alunos da 2º série do Ensino Médio, percebi que havia, de modo geral, um sentimento de não pertencimento e não identificação com a cidade de Fortaleza e sua história "oficial". Assim, surgiu em mim a ideia de trabalhar a história local na perspectiva do aluno, ou seja, pelo olhar, vivências, memórias e os locais de afetos dos alunos na cidade de Fortaleza. Compreender quais narrativas esses jovens elaboram sobre a cidade e como essas narrativas contribuem para o processo de identificação com a cidade de Fortaleza.

Entendendo o aluno como um agente histórico, ser social que vive o contemporâneo, que possui um olhar sobre o mundo ao seu redor e um entendimento das relações sociais da qual está inserido. Esse jovem vive e sente a cidade da forma que lhe é permitida. Para além da interação com a cidade que lhe é possível viver em seu cotidiano, existe a cidade que lhe chega de forma mais direta através das memórias que são relatadas por seus pais, avós, e outros familiares, professores. Assim, do entrelaçamento de concepções e vivências na cidade, este aluno vai construindo sua identidade e as novas memórias.

Esse jovem é herdeiro das lembranças e histórias compartilhadas em família. Talvez as primeiras narrativas e formas de olhar a cidade sejam, na verdade, o olhar e sentimentos daqueles que o precederam. Dessa primeira experiência com a cidade, pelo olhar dos outros, e

com o que este aluno vivencia na escola pode ser o ponto de partida para a construção de uma identidade com a cidade. O aluno possui uma memória histórica.

Dessa forma, por que não contar a história de um lugar a partir das memórias e narrativas elaboradas pelos alunos do Ensino Médio? Como a disciplina História pode contribuir para uma possível ressignificação do sentimento de identidade e pertença do aluno com a cidade em que vive? Será possível o desenvolvimento de outro olhar para a cidade a partir do confronto das narrativas e memórias que eles trazem com os locais de memória e discursos oficiais sobre a cidade?

O ensino de História Local pode ser uma forma de mediar essas relações. A memória urbana que os alunos trazem em si, a memória da cidade que é possível ser acessada por meio dos relatos e experiências vividas dos alunos pode ser uma ferramenta que o professor de história utiliza em sala de aula para falar e debater a história local. Claro que para o entendimento da história local, também se faz necessário relacioná-los com eventos mais amplos, em escalas mais gerais (nacional e global).

É nesse contexto que a opção pelo Mestrado Profissional em Ensino de História - ProfHistória surgiu como uma excelente oportunidade. Oportunidade de poder encontrar meios de relacionar o conhecimento acadêmico sobre ensino de história e minha experiência na docência no Ensino Básico, e, ao final, poder elaborar um produto que pudesse de alguma maneira, auxiliar outros professores a também perceberem a necessidade e importância em trabalhar a história local junto aos seus alunos. Para além de toda reflexão, e contribuição para o debate historiográfico sobre ensino de história e história local, da construção do processo de identidade do aluno com a cidade, esta dissertação tem uma funcionalidade pedagógica.

Assim, diante da oportunidade de me debruçar em um processo de investigação acerca das questões relacionadas com Ensino de História, História local e estudo sobre a cidade de Fortaleza, a presente dissertação tem como objetivo geral perceber como o ensino de história local, utilizando-se das narrativas que os alunos têm sobre a forma como vivem, pensam e sentem a cidade, se pode interferir, se pode contribuir no processo de construção do sentimento de pertença e identificação do aluno com a cidade de Fortaleza.

Nos objetivos específicos pretendeu-se compreender a cidade de Fortaleza a partir das múltiplas narrativas elaboradas pelos alunos do Colégio Estadual Liceu do Ceará. Criar um produto didático direcionado para o ensino de história local tendo como base e matéria-prima os discursos, sentimentos e conhecimentos que os alunos têm sobre a cidade de Fortaleza.

Enveredar pelos caminhos da história local é também lidar com aspectos da cultura, é falar sobre representações, é debruçar-se sobre as ações dos agentes históricos, é ter o

imaginário junto com as sensibilidades como objeto de fonte para o ofício do historiador. Assim, os conceitos elaborados pela história cultural são caminhos estruturantes para esta pesquisa que investiga justamente as representações da cidade de Fortaleza, o imaginário que foi criado sobre a cidade e quais as implicações desse imaginário no cotidiano dos alunos da rede básica de ensino, mais especificamente para os alunos do ensino médio do Colégio Estadual Liceu do Ceará. Captar, analisar os sentimentos desses jovens sobre a cidade na qual vivem, transitam e constroem memórias nos mais diversos locais da cidade, foi a base deste processo investigativo.

Em 2019 foi aplicado um questionário entre os alunos do ensino médio do Colégio Estadual Liceu do Ceará e participaram da pesquisa os alunos da disciplina eletiva “História de Fortaleza” (voltada para os alunos da terceira série) e alunos da segunda série, formando um total de setenta e sete (77) estudantes. Jovens com idade entre 15 e 18 anos. A escolha por uma atividade escrita decorre do fato de ser uma forma mais rápida para que se pudesse coletar um maior número de relatos dos estudantes durante o tempo de aula. Cogitou-se coletar dados por meio da técnica da história oral, porém, seria um recurso que demandaria mais tempo e outros equipamentos metodológicos que no momento não estavam disponíveis.

Buscando entender como se dava a relação destes alunos com a cidade de Fortaleza, o questionário aplicado indagava não apenas sobre o que eles conheciam sobre a história da cidade, questionava também sobre qual a imagem que eles elaboram da cidade que vivem quais os afetos e os locais de memória que eles reconheciam em Fortaleza e sobre a possibilidade de um sentimento de pertença, e por último, se a relação com a cidade pode ser afetada quando se conhece mais sobre a história local.

Com o resultado da análise do questionário foi possível traçar dados que permitiram um melhor entendimento sobre as narrativas elaboradas pelos alunos. Os resultados das análises foram parte estruturante da construção do produto desenvolvido por esta pesquisa.

Dividida em três partes, o primeiro capítulo buscou pensar o ensino de história e a história local e traz também um foco na relação entre cidade e história e por fim, um olhar sobre a cidade de Fortaleza a partir das experiências de viajantes, cronistas e memorialistas.

Mergulhando nas narrativas dos alunos e nas análises dos dados obtidos com o questionário aplicado, o segundo capítulo lançou olhar sobre as percepções dos alunos sobre a cidade de Fortaleza, os sentimentos que perpassam em relação ao espaço urbano no qual vivenciam e os contrastes entre as narrativas elaboradas sobre a cidade turística e a cidade que eles realmente têm acesso: a cidade que lhe é permitida viver.

Tendo como base os conhecimentos, experiências e vivências dos estudantes em relação à cidade, no terceiro e último capítulo foi desenvolvido a ideia de um projeto pedagógico direcionado para as aulas de história local no ensino médio. Produto que visa contribuir para o debate em sala de aula levando em consideração a perspectiva do aluno sobre a cidade em um diálogo com o conhecimento historiográfico.

Levando em consideração a pluralidade dos relatos e experiências dos alunos, o produto foi pensando de forma que pudesse abarcar as múltiplas formas que uma cidade pode ser vivida e sentida. Com o intuito de transformar narrativas em imagens, o produto constituiu-se na criação de três propostas de roteiros de curta-metragem pautados na experiência dos alunos com a cidade.

## **2 ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL E A CIDADE: CANTANDO MINHA ALDEIA EU CANTO MUDO**

### **2.1 História local e o ensino de história**

O ensino de história local é algo desafiador para os professores de história no ensino básico principalmente para os historiadores que atuam no Ensino Médio. Mesmo não sendo um campo de conhecimento tão recente, a História Local vem ganhando cada vez mais espaço nas produções historiográficas. Desde sua constituição como ciência ainda nos idos do século XIX, a História traz em seu bojo a premissa de trazer um olhar sobre os fatos e ações do homem ao longo do tempo e no espaço. No início, o fazer histórico constituía-se em falar sobre os grandes fatos, de registrar os feitos dos homens considerados notáveis, a memória nos grandes monumentos. A História estava para registrar e eternizar a monumentalidade dos grandes que haviam conduzido a humanidade até então. Foi uma escolha que silenciou não apenas outros agentes históricos, mas, também, fatos e memórias.

Com o passar do tempo, o fazer histórico foi sendo repensado e outras possibilidades de olhar para o homem e suas ações no tempo e espaço permitiram que a história pudesse seguir por outros caminhos. Ou melhor, outras vozes passaram a ser consideradas para o fazer histórico. A produção historiográfica cresce e se diversifica quando o olhar da história contempla homens e mulheres anônimas, quando a escrita da História é feita a partir das mais diversas fontes. O Positivismo dentro da ciência histórica já não era capaz de suprir as demandas dos historiadores que buscavam olhar o mundo e o homem em outra perspectiva.

A historiografia francesa, ou a Escola dos Annales no início do século XX, Lucien Febvre e Marc Bloch nos apresentam uma História com temas que não eram contemplados pela escrita da história. Agora historiadores assim buscavam agora o cotidiano, os excluídos, eventos que marcam o local, o homem comum. Certamente essa transformação da historiografia também passa por mudanças no que tange a teoria e a metodologia da História. Assim, a história passa a se debruçar sobre outros temas, outros campos.

O ensino de história local permite ao aluno uma aproximação aos conteúdos curriculares. A partir das experiências de vida do estudante é possível estabelecer correlações com outras esferas para além.

A história local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado

sempre presente nos vários espaços de convivência - escola, casa, comunidade, trabalho e lazer -, e igualmente por situar os problemas significativos da história do presente (BITTENCOURT, 2018).

Porém, trabalhar com história local em sala de aula requer alguns cuidados importantes por parte dos professores de história. É preciso que ao abordar esta perspectiva o professor atente para não reproduzir apenas um discurso que contemple apenas as elites e personalidades locais. É preciso que o aluno possa entrar em contato com outros elementos que também compõem o lugar que está sendo estudado. Como nos diz Bittencourt (2018),

A história local pode simplesmente reproduzir a história do poder local e das classes dominantes, caso de limite a fazer os alunos conhecerem nomes de personagens políticos de outras épocas, destacando a vida e obra de antigos prefeitos e demais autoridades. Para evitar tais riscos, é preciso identificar o enfoque e a abordagem de uma história local que crie vínculos com a memória familiar, do trabalho, da migração, das festas [...].

Consequentemente, ao trabalhar história local, os alunos poderão ter uma melhor compreensão sobre os objetos de estudo da História. Entender que a história não se faz apenas estudando os grandes feitos, que a história de um determinado lugar não é contada apenas por seus monumentos, museus, ou estudo sobre as personalidades locais. Que essa memória histórica foi/é elaborada pelos detentores do poder. O aluno pode perceber que a História não é algo tão distante dele. O estudante talvez possa sentir que a história está em seu dia a dia e que ele se sinta como um sujeito histórico, como de fato o é.

E nesse processo de construção de identidade, Luís Fernando Cerri (2011) nos lembra que

Quem acreditamos que somos depende de quem acreditamos que fomos, e não é à toa que o ensino de história - escolar ou extraescolar, formal ou informal - é uma arena de combate em que lutam os diversos agentes sociais da atualidade.

Ter ciência de quem somos é um dos pressupostos para nos percebermos como humanos, como pertencentes a algum grupo. Compreender a si mesmo é olhar para a história vivida, é compreender o lugar onde nasceu, é entender o local que se vive. Desconhecer nossa origem de certa forma é não completar o quebra-cabeça que compõem nossa identidade. Se a história lança olhares, registra, escreve e reescreve a história do homem no planeta, o ensino de história local pode proporcionar e fornecer as ferramentas que poderão ajudar no entendimento do nosso processo de construção de nossa identidade.

Ainda sobre identidade e ensino de história, Bittencourt (2018, grifo nosso) nos fala que

Um dos objetivos centrais do ensino de História, na atualidade, relaciona-se à sua contribuição na constituição de *identidades*. A identidade nacional, nessa perspectiva, é uma das identidades a ser constituída pela História escolar, mas, por outro lado, enfrenta ainda o desafio de ser entendida em suas relações com o local, o regional e o mundial. Mas ainda, o ensino de História tem compromissos relacionados à constituição das múltiplas identidades sociais: de gênero, étnicas e sexuais.

Assim, o ensino de história não pode furtar-se de sua função do processo de construção das mais diversas formas de identidades. Da articulação entre ensino de história local e vivências do cotidiano dos alunos é possível tecer entrelaçamentos com uma história mais global.

Ao optar pelo ensino da história local é importante ter ciência de que “lugar” é esse que será trabalhado. Trabalhar o conceito de espaço é algo fundamental para aqueles que se habilitam enveredar por este caminho, afinal, espaço é, junto com o tempo, elementos que sem os quais não há produção histórica.

Saber que todo meio, lugar pode ser histórico é ir para além da ideia de que trabalhar história local seria trabalhar apenas o entorno que o aluno vive, o bairro. Ou que espaço para história local seja apenas os locais que formam o discurso oficial sobre uma cidade, por exemplo, os bens tombados, os monumentos. O lugar na história local não é algo preso a determinado tempo. Não é compreender determinado lugar preso ao passado ou como ele se encontra hoje. A história local busca perceber o espaço em sua dinâmica temporal. Assim, é possível entender que

A história do “lugar” como objeto de estudo ganha, necessariamente, contornos temporais e espaciais. Não se trata, portanto, ao se proporem conteúdos escolares da história local, de entendê-los apenas na história do presente ou de determinado passado, mas de procurar identificar a dinâmica do lugar, as transformações do espaço, e articular esse processo às relações externas, a outros “lugares” (BITTENCOURT, 2018).

Assim, se o ensino de história em seu início refletia a concepção da ciência história no sentido de abordar a questão da construção de uma identidade nacional, de conseguir registrar a essência de um povo, de uma nação, seus heróis, os grandes nomes e fatos que ajudaram a moldar um país. Com o passar do tempo a história que é trabalhada nas escolas foi contemplando outras temáticas.

Partindo do pressuposto que o aluno não desenvolve sua consciência histórica exclusivamente a partir das aulas de história, entendendo que consciência histórica é uma faculdade inerente a todo ser humano, o ensino de história nas escolas surge como espaço de mediação, aprofundamento, possibilidades daquilo que o aluno já traz consigo e daquilo que a História pode demonstrar.

Sobre consciência histórica e ensino de história, Cerri (2011) é muito claro aos nos dizer que

Não compete ao trabalho da história na escola formar a consciência histórica dos alunos – eles já chegam com suas consciências formadas em seus traços fundamentais –, mas possibilitar o debate, a negociação e a abertura para a ampliação e complexificação das formas de atribuir sentido ao tempo que os alunos trazem com eles.

E que conscientizar é “um processo de diálogo entre formas distintas de geração de sentido para o tempo.”

Diante do que está posto, o ensino de história local para o Ensino Médio é algo desafiador. As dificuldades se apresentam já na estrutura curricular que não encontra espaço para que a temática sobre história local possa ser trabalhada de modo satisfatório, mesmo diante de esforços na tentativa de mudar este cenário.

Lembra-nos Bittencourt (2018) que

Algumas das propostas buscam alterar a organização dos currículos concêntricos concebidos sob a Lei n. 5.692/1971, pela introdução de uma concepção de história local, ou de “história do lugar”, que procura estabelecer articulações entre o mais próximo (ou vivido pelo aluno) e a história nacional, regional e geral o mundial.

Durante o Ensino Médio o estudante se depara com uma situação na qual ele se vê diante de duas possibilidades: seguir o caminho “natural” e prosseguir com os estudos em alguma universidade (pública ou não) ou ingressar no mercado trabalho. Contudo, o Ensino Médio é voltado quase que exclusivamente para o ingresso ao Ensino superior, preparando o estudante para que ele possa ter condições de ser aprovado no Exame Nacional do Ensino Médio, ENEM.

Os alunos do Ensino Médio têm, na atualidade duas expectativas centrais. Uma corresponde à finalização da etapa de estudos escolares para facilitar ingresso no mercado de trabalho e outra meta é a de continuidade de estudos, e parte significativa desse grupo de alunos pretende seguir cursos

universitários que exigem seleções mais ou menos rigorosas, dependendo do curso e da universidade. Tais perspectivas dos alunos do Ensino Médio têm, de alguma forma, proporcionado impasses quanto aos objetivos do ensino médio (BITTENCOURT, 2018).

Este cenário não favorece ao ensino da história local, pois a estrutura que essa avaliação externa traz não contempla os conteúdos que a história local pode oferecer. Dessa forma, os currículos escolares de História para o ensino médio não favorecem currículos mais voltado para as mais diversas realidades regionais, locais. Mesmo sabendo que

Algumas propostas buscam alterar a organização dos currículos concêntricos concebidos sob a Lei n. 5.692/1971, pela introdução de uma concepção de história local, ou de “história do lugar”, que procura estabelecer articulações entre o mais próximo (ou vivido pelo aluno) e a história nacional, regional e geral o mundial (BITTENCOURT, 2018).

O peso que as avaliações externas possuem ainda é muito forte e acabam moldando significativamente o currículo escolar. Tirando assim, de certa maneira, a autonomia da escola em pensar também os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula.

E nos diz Fabíola Matte Bergamin (2013, p. 98) que

A despeito da proposta dos PCNEM que apregoam a autonomia docente em selecionar o conteúdo a ser trabalhado, e apesar da aparente inspiração nas competências e habilidades, o Enem após a reformulação em 2009 exige conteúdos pontuais em suas questões. Neste particular, as questões de teor progressivamente conteudista acabam, por confundir o professor a respeito dos parâmetros a serem seguidos. Em suma, o Enem acaba por fim atuando como uma forma de seleção cultural hegemônica.

E a história local que pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades nos alunos em relacionar história de vida com a história do lugar e relacioná-los com uma história macro, não encontram espaço, de um modo geral, nas salas do ensino médio. Poderia ser um recurso a mais para que o aluno conseguisse elaborar de uma maneira mais clara a relação entre o tempo presente, o passado e perspectivas para o futuro.

Um outro elemento bastante importante contemplado dentro do campo da história local e que dialoga com a história cultural é o imaginário. Seja o imaginário construído sobre determinada região, povo, nação, cidade. Para a presente dissertação, a noção de imaginário é entendida como sistema que remete

à compreensão de que ele constitui um conjunto dotado de relativa coerência e articulação. A referência de que se trata de um sistema de representações coletivas tanto dá a ideia de que se trata da construção de um mundo paralelo de sinais que se constrói sobre a realidade, como aponta para o fato de que essa construção é social e histórica (PESAVENTO, 2003).

E mais:

O imaginário é histórico e datado, ou seja, em cada época os homens constroem representações para conferir sentido ao real. Essa construção de sentido é ampla, uma vez que se expressa por palavras/discursos/sons, por imagens, coisas, materialidades e por práticas, ritos, performances. O imaginário comporta crenças, mitos, ideologias, conceitos, valores, é construtor de identidades e exclusões, hierarquiza, divide, aponta semelhanças e diferenças no social. Ele é um saber-fazer que organiza o mundo, produzindo a coesão ou o conflito (PESAVENTO, 2003).

Assim, para esta dissertação buscou-se identificar quais elementos constituem o imaginário sobre a cidade de Fortaleza presente nos discursos dos alunos e até que ponto este imaginário molda a relação com a cidade.

Seguindo por este caminho da representação, imaginário, nos deparamos então com outro conceito contemplado pela história cultural e que nos foi útil para o desenvolvimento desta pesquisa, o conceito de sensibilidades. Que será percebido neste trabalho no seguinte sentido:

As sensibilidades corresponderiam a este núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana no mundo. O conhecimento sensível opera como uma forma de apreensão do mundo que brota não do racional ou das elucubrações mentais elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo. Às sensibilidades compete essa espécie de assalto ao mundo cognitivo, pois lidam com as sensações, com o emocional, com a subjetividade (PESAVENTO, 2003).

Ainda sobre sensibilidades assim afirma Sandra J. Pesavento (2003) que

É a partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, ideias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que essa tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de determinada época. Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos.

Se o mundo é entendido por razões e sentimentos, ao evocar a emoções e sentimentos que os alunos trazem sobre a forma de como se dão com a cidade, trabalhadas em sala de aulas, essas emoções podem dar uma dimensão mais real, mais vívida de como a história da cidade se

relaciona e se insere na história de vida do estudante. Proporciona a sensação de que o aluno é parte também da história.

## **2.2 A cidade e a História**

A cidade é objeto de estudo de várias áreas do conhecimento humano. É preciso ter, então, múltiplos olhares para compreendermos o que a cidade pode ser e representar para aqueles que a estudam e para aqueles que nela vivem. É possível apreender uma cidade por meio de sua arquitetura e desenvolvimento urbano, por sua geografia, pelas relações sociais que se constroem e se desenvolvem em seu espaço. Todos esses elementos fornecem meios e instrumentos para que a cidade seja passível de estudo e pesquisa.

A História também se debruça sobre este objeto. O historiador pode tecer uma análise sobre a cidade a partir da memória. Seja a memória cidadina que emerge por meio de monumentos em praças públicas, construções, nomes de ruas e avenidas, estátuas em homenagens a personalidades inseridas dentro das narrativas históricas ditas oficiais, planos urbanísticos e em tantos outros documentos. Contudo, a memória de uma cidade também emerge nas conversas de seus habitantes, em suas festas populares, nas letras e canções que cantam suas formas, suas gentes, suas histórias. A memória de uma cidade também está contida no imaginário daqueles que a vivem e a sentem.

Para a presente pesquisa entendeu-se que falar sobre cidade exige uma sensibilidade para que se possa enxergar para além da arquitetura e do asfalto, das ruas e seus calçamentos, casas, praças, prédios, o concreto. É compreender que a cidade não é apenas palco, mas, também, agente que permeia e influencia na construção e elaboração de nossas memórias, identidade. Nossa história individual dialoga com a história da cidade. Ambas em constante interação. A cidade na qual se vive assim como a cidade que é acessível e possível para cada um de nós é a cidade que fornece os elementos para a construção de nós mesmos.

Maria Stella Bresciani (2002), em seu artigo “Cidade e História”, nos diz que “Nenhuma leitura das cidades pode ser definitiva ou ingênua”. Diante de tantas possibilidades de leituras, esta pesquisa optou por perceber e entender a cidade no campo da História Cultural. Tal escolha se legitimou na ideia de abordar o tema para além da materialidade urbana, buscou-se também compreender as mais diversas formas de representações, compreender as narrativas e imagens que criam sua identidade ao longo do tempo, saber que é possível transitar por ela não apenas no tempo presente, mas também no passado ao evocar as memórias dos atores sociais que a têm como palco de suas vivências.

Esta seria, portanto, uma tarefa a ser levada em conta por uma história cultural do urbano: partindo do entendimento antropológico da cultura como um conjunto de sentidos partilhados, o historiador buscaria resgatar a alteridade do passado de uma cidade através das representações de tempo e espaço que ela oferece. Ou, em outras palavras, trataria de abordar a cidade através de um olhar que a contemplasse como uma temporalidade que encontra forma e sentido no espaço, ou como um espaço que abriga múltiplas temporalidades e sentidos (PESAVENTO, 2005. p. 10).

As transformações pelas quais a cidade passa ao longo do tempo podem ser contempladas nas narrativas que os indivíduos trazem sobre o local que vivem. Passado e presente estão inseridos em suas falas. Essa pluralidade de narrativas nos dá a possibilidade de compreender melhor esse espaço, palco das relações sociais. Nos mostra que é um espaço de disputa, que uma mesma cidade não é acessível a todos os seus moradores. Com qual cidade eu construo minha relação de identidade e pertencimento?

Quando Pesavento (2005) nos diz que “a cidade é uma contínua reinvenção do mundo no espaço”, que o “tempo das cidades é múltiplo e está sempre a ser construído”, que “viver em espaço urbano é, forçosamente, dotá-la de condições para que nela se exerça a vida para além do tempo do agora, do cotidiano da existência”, que “o presente das cidades é também aquele tempo onde se pensa o futuro [...] antecipação, por vezes utópica, de outro tempo ainda a realizar-se”. Então cabe aos historiadores saber ler a cidade e suas múltiplas temporalidades, seus espaços e a construção dos lugares de memória.

Compreendendo o fenômeno urbano como um fenômeno cultural cabe ao historiador então ter olhos e sensibilidade para entender que também que

Assim, só se pode resgatar o tempo escoado no espaço da cidade através de uma atitude deliberada e de um esforço da imaginação, que chama a si toda uma carga de referências acumuladas, capazes de criar este olhar especial, que possibilita ver além daquilo que é dado a ver (PESAVENTO, 2005, p.12).

Campo de investigação da ciência histórica e de tantas outras áreas do conhecimento humano, a cidade, certamente, é uma temática que desperta bastante interesse. Mesmo observando a cidade em suas múltiplas possibilidades de a traduzir, mesmo com o esforço de coletar, analisar e ler suas representações, imagens, discursos a cidade não findará como campo de investigação.

### **2.3 A cidade de Fortaleza: o viajante, o cronista, o memorialista**

É possível entender uma cidade sobre os mais diversos aspectos e visões. Seus fatos históricos, seus dados geográficos e econômicos, sua cultura nos mais variados campos. As narrativas feitas por memorialistas, escritores e cronistas também são ferramentas que podem ser usadas no processo de uma compreensão acerca do imaginário que uma cidade pode ter, no caso, a cidade de Fortaleza.

Assim, foram utilizadas narrações de três escritores entre memorialistas e cronistas que escreveram sobre a capital cearense. Henry Koster<sup>2</sup> com o livro “Viagens ao Nordeste do Brasil”, Raimundo de Menezes<sup>3</sup> com seu “Coisas que o tempo levou”, e Milton Dias<sup>4</sup> com o livro “Relembraças”. Em seus escritos é possível ter uma dimensão da forma como eles percebiam, sentiam a cidade à sua época. São textos que falam de uma Fortaleza do século XIX e século XX.

Interessante perceber que alguns pontos das narrativas desses autores também são encontrados nas narrativas sobre a Fortaleza do século XXI feitas pelos os alunos entrevistados para esta pesquisa. A imagem de uma cidade acolhedora, de gente tranquila, o encantamento sentido pelos moradores e viajantes diante das belezas naturais, a Praia de Iracema e a Praça do Ferreira como locais de memória/marcos não só da cidade, mas também palco das memórias individuais desses sujeitos históricos.

O sentimento de nostalgia, saudade de uma cidade que já foi, que existe não só na fala desses escritores do século XX, como nos alunos “liceístas” do começo do século XXI, revela um traço do ritmo do desenvolvimento urbano de Fortaleza que aparenta estar sempre em rápida transformação ao ponto desse discurso nostálgico estar presente em gerações tão distantes.

---

<sup>2</sup> Filho de ingleses e nascido em Lisboa, Henry Koster chega ao Brasil em 1809. No ano seguinte faz uma viagem por parte do Nordeste brasileiro. Em 1816 publica o livro “Travels in Brazil” (Viagens ao Nordeste do Brasil) onde traz o relato, os registros de sua passagem por Pernambuco, Paraíba, Ceará e Maranhão.

<sup>3</sup> Cearense nascido em 1903 em Fortaleza, Raimundo de Menezes foi cronista, biógrafo, dicionarista, jornalista, além de ser bacharel em Direito e delegado de polícia (em São Paulo). Antes de publicar seus escritos em formato de livros (em 1938), Raimundo de Menezes lia seus textos em programa de rádio e publicava em periódicos, “Coisas que o tempo levou” é a coletânea destas crônicas escritas na década de 1930

<sup>4</sup> Milton Dias nasceu em Ipu, no Ceará, em 1919. É considerado um dos grandes nomes da literatura cearense. Formou-se em Direito e Letras, atuou como professor do departamento de Letras da Universidade Federal do Ceará. Escreveu crônicas semanais por quase três décadas para o jornal O Povo. Na década de 1940 cria o grupo literário O Clã. Na década de 1960 ingressa para Academia Cearense de Letras. Relembraças é um livro póstumo, é uma coletânea de crônicas que Milton Dias publicara em sua coluna semanal no jornal O Povo.

Henry Koster registra em seu livro “Viagens ao Nordeste do Brasil”<sup>5</sup> sua passagem por Fortaleza. Em seu relato, o memorialista descreve a cidade nos seguintes termos:

A Vila de Fortaleza do Ceará é edificada sobre terra arenosa, em formato quadrangular, com quatro ruas, partindo da praça e mais outra, bem longa, do lado norte desse quadrado, correndo paralelamente, mas sem conexão. As casas têm apenas o pavimento terreo e as ruas não possuem calçamento, mas n’algumas residencias ha uma calçada de tijolos deante. Tem tres igrejas, o palacio do Governador, a casa da Camara e prisão. Alfandega e Tesouraria. Os moradores devem ser uns mil e duzentos (KOSTER, 1942, p.164).

Para além de sua simplicidade urbana, Koster também descreve como Fortaleza não possui elementos naturais que favoreçam a atracação de barcos, o embarque e desembarque de cargas e pessoas no porto. Diz ele sobre as praias e o porto de Fortaleza:

Não ha rio nem cáis e as praias são más e de acesso difícil. As vagas são violentas e o recife oferece proteção bem diminuta aos navios, viajando ou ancorados perto da costa. [...] A costa é escarpada, determinando uma ressaca perigosa para os barcos que procuram ancoragem perto do litoral. Um navio estava descarregando durante minha estada. A carga consistia principalmente em pequenos sacos de farinha de mandioca. A canoa se aproximava o mais possível de terra, sem encalhar, e os sacos eram transportados na cabeça dos carregadores. Deviam pô-los no solo passando atravez das vagas e quando uma delas o alcançava, molhava completamente. Poucos sacos chegaram inteiramente enxutos, apesar dos cuidados para que a farinha não fosse danificada. O porto é exposto e mau. Os ventos são sempre do sul e de leste. Fossem mais variados, e seria raro um navio chegar á costa (KOSTER, 1942, p. 165).

Mesmo fazendo parte do que Koster chamou de “incivilizadas regiões”, apesar de seu aspecto simples e problemas estruturais, a então Vila de Fortaleza causou certa boa impressão ao viajante inglês que passou pelo Ceará do início do século XIX: “Não obstante a má impressão geral, [...] confesso ela boa aparência, embora escassamente possa este ser o estado real desta terra” (KOSTER, 1942, p. 166). Koster fala do mar revolto e de difícil ancoragem, décadas e décadas depois, a cidade de Fortaleza terá em suas praias um de seus maiores atrativos turísticos.

No século XXI, o mar de Fortaleza é descrito e narrado como espaço de memória, identidade e afetos por boa parte dos alunos entrevistados para esta pesquisa. Koster traz em sua fala um elemento que também foi facilmente encontrado na percepção dos alunos sobre a cidade de Fortaleza: a ideia de um local onde quem é de fora é bem recebido, uma cidade

---

<sup>5</sup> “Travels in Brazil” publicado em 1816.

acolhedora. Diz o viajante inglês: “Fui recebido no Ceará hospitaleiramente” (KOSTER, 1942, p. 178).

Se Henry Koster trouxe um olhar para a Vila de Fortaleza do final de 1810, Raimundo de Menezes em seu livro “Coisas que o tempo levou”<sup>6</sup> traz uma narrativa sobre a Fortaleza na passagem do século XIX ao século XX. Publicado inicialmente nos anos de 1930, o livro traz uma coleção de crônicas históricas sobre a capital cearense, uma percepção nostálgica de uma cidade que já não existia mais para o entendimento do autor. A Fortaleza do final do XIX é uma cidade que contrasta de maneira bastante intensa com a Fortaleza da qual vive Raimundo de Menezes.

A Fortaleza narrada por Raimundo de Menezes traz elementos afetivos pautados pela nostalgia, é a cidade de população tranquila, de hábitos pacatos, gentis. Imaginário forjado pelas memórias da infância em muito devido as histórias contadas por seus avós. Foi comparando a cidade de Fortaleza dos anos 30 do século XX com a cidade do XIX que autor construiu a percepção de como o processo de crescimento e desenvolvimento urbano não foi salutar para Fortaleza e para seus moradores.

O autor ao abordar os aspectos urbanos da cidade no período do século XIX, como a questão da iluminação pública, narra de forma saudosista e afetiva que

Fortaleza dos tempos antigos! Fortaleza d´outrora! Fortaleza dos lampiões a gás! Como eras diferente, na pacatez de cidade provinciana, na quietude de cidade ingênua. Tuas ruas estreitas, mal iluminadas pelos lampiões escassos, com os sobradões sombrios na ponta da rua, com as casinhas de telhados baixos, com os teus hábitos pacatos e modestos, como eras diferentes de hoje! (MENEZES, 2000, p. 31).

Ainda sobre os aspectos estruturais da cidade, o autor faz uma descrição de um dos principais pontos da cidade, a Praça do Ferreira. Espaço esse entendido como um dos locais de memória de Fortaleza por boa parte dos alunos que foram entrevistados para esta pesquisa. Para além do relato do aspecto físico da praça, Raimundo Menezes reforça o sentimento de como aquele espaço foi palco de muitas histórias e que mereciam um maior cuidado na conservação da memória por meio da preservação material da Praça do Ferreira. Nos diz Menezes que

A Praça do Ferreira chamava-se simplesmente a feira-nova, e era ali que se fazia o comércio da minúscula cidade de Fortaleza de N.S da Assunção. Tudo tão primitivo, tão ingênuo, tão encantador! Um quadrado sem alma própria, tendo a colorir o chão áspero o verde clorofiliano de um capinzal irregular.

---

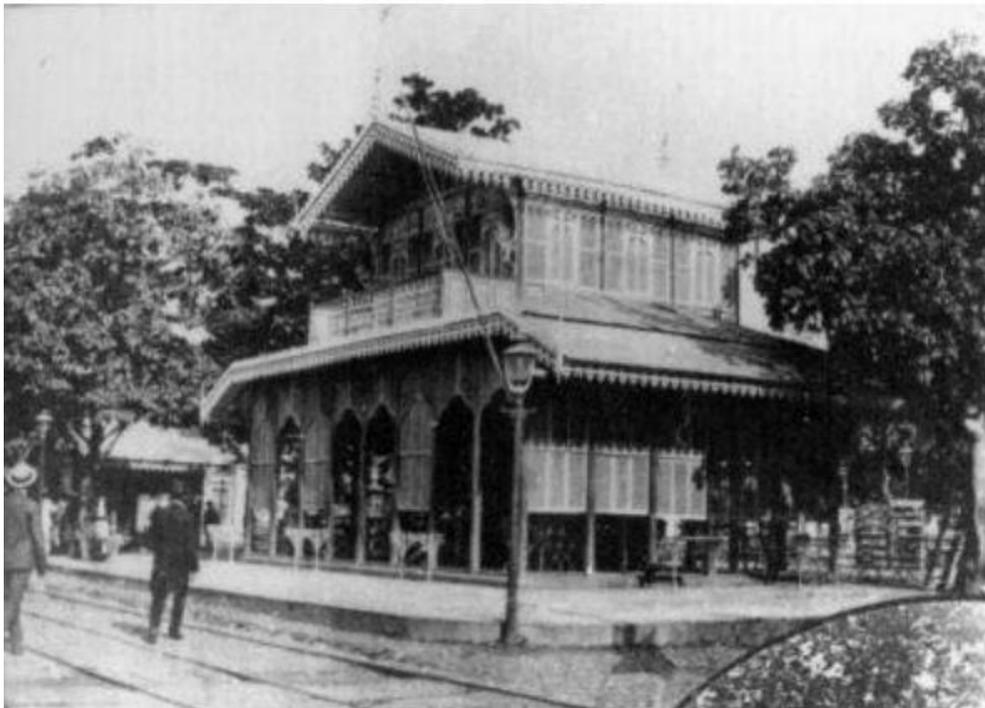
<sup>6</sup> Publicado em 1938.

Pelo meio, sem qualquer simetria, as mongubeiras e as castanholas floridas, enchendo o solo da frescura das sombras doces e dos frutos gostosos. Aos cantos, fechando os ângulos e, aqui e ali, dividindo o largo, marcos de pedra que serviam para amarrar os jericos dos vendedores ambulantes e dos cargueiros que vinham suarentos, de Aquiraz ou dos Arronches (MENEZES, 2000, p. 47).

Raimundo Menezes ao comparar a Praça do Ferreira dos anos 30 do século passado com a do XIX, nos diz que o: “os tempos voaram. Da Praça do Ferreira antiga, quase nada mais resta” (MENEZES, 2000, p. 50). E ainda nos faz um alerta:

Quando por ali passardes, nas tardes cheias de sol, meus bons e velhos amigos, quedai um momento e lembrai o passado: aquelas lages são as mesmas do tempo da botica do Ferreira. Pisai-as de mansinho, levemente, para não as estragar, pois não deviam estar ali, porém guardadas com carinho no Arquivo do Estado! Aquelas pedras de calçada sabem de histórias encantadoras da Fortaleza antiga! São uma reminiscência viva do tempo da Praça do Ferreira dos nossos avós! (MENEZES, 2000, p. 50).

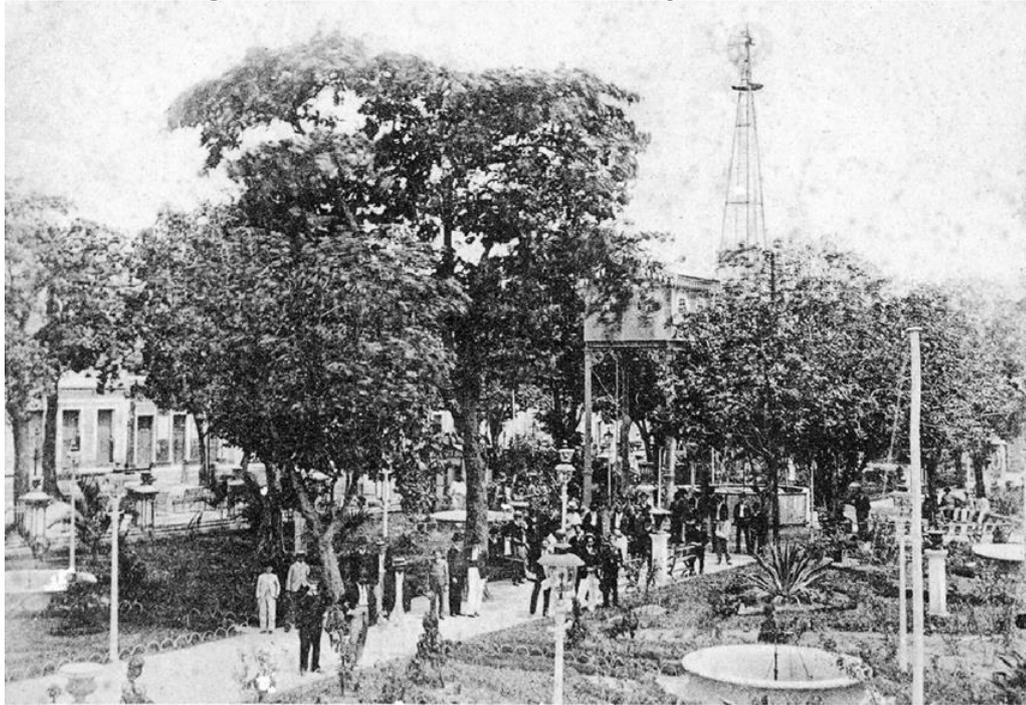
Figura 1 – Café do Comércio (Praça do Ferreira)



Fonte: Arquivo Nirez<sup>7</sup> (1896).

<sup>7</sup> Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez) é jornalista, memorialista, historiógrafo e colecionador. Membro do Instituto do Ceará (histórico, geográfico e antropológico), da Academia Cearense de Literatura e Jornalismo. Possui um vasto arquivo de imagens históricas de Fortaleza e de outras localidades do Estado do Ceará, além de possuir um dos acervos mais significativos de discos de 78rpm do país. Foi diretor do Museu da Imagem e do Som (MIS – CE). Recebeu diversos prêmios por seu trabalho como pesquisador e colecionador. O Arquivo Nirez funciona na Rua Professor João Bosco 560, Rodolfo Teófilo, Fortaleza-CE. Boa parte de seu acervo encontra-se digitalizado.

Figura 2 – Jardim 7 de Setembro (Praça do Ferreira)



Fonte: Arquivo Nirez (Início do século XX).

Figura 3 – Praça do Ferreira na década de 1930 do século XX



Fonte: Arquivo Nirez (Década de 1930 do século XX).

Figura 4 – Praça do Ferreira, dias atuais



Fonte: Mapa Cultural do Ceará (2017).

A Fortaleza do século XIX que emerge do imaginário de Raimundo Menezes aborda também os hábitos dos moradores. A simplicidade não estava apenas na estrutura material urbana, estava presente também na forma de ser dos que viveram naquele recorte temporal: “Como a Fortaleza daquelas eras passadas, tão diferentes de hoje tinha outro sabor, com os seus hábitos e costumes, seu primitivismo familiar, tão suave, tão gostoso, na suprema delícia de um romantismo que fala à nossa emotividade” (MENEZES, 2000, p. 33). Essa simplicidade e até mesmo ingenuidade são elementos que irão fundamentar os contrastes que o autor aponta ao comparar a cidade de Fortaleza do XIX com a Fortaleza da década de 30 do século XX. Segundo Menezes (2000, p. 35),

Quanta ingenuidade saborosa nas festas antigas da Fortaleza dos nossos avós! Como eras encantadora, minha cidade amada, com as tuas festanças simples como tu mesma! A tua alegria espontânea daqueles tempos chega-nos até hoje trazida pelo humor de uma raça forte e sofredora que, apesar de todas as vicissitudes, é alegre, quando devia, pelas contingências humanas, ser profundamente triste.

As transformações urbanas, o crescimento da cidade e até o aumento do custo de vida são pontos que o autor traz sobre o processo de desenvolvimento urbano: “Que diferença fantástica para os trepidantes dias de hoje. A vida atual custa os olhos da cara, como diz o zé-povo, na sua linguagem característica [...]” (MENEZES, 2000, p. 154). Enquanto Fortaleza

vivia sua “ingenuidade de cidade provinciana” (MENEZES, 2000, p. 38), ainda longe das transformações que o “progresso” poderia causar, a cidade se faz um idílio existente nos textos saudosistas de Raimundo Menezes.

Em um trecho de seus escritos que rememoram a cidade, o autor traz uma colocação que dialoga com algumas experiências vivenciadas por alguns alunos que participaram desta pesquisa, a questão do preconceito racial.

Raimundo Menezes ao descrever um indivíduo que viveu em Fortaleza no século XIX permite lançar um olhar sobre a forma que as pessoas não brancas eram percebidas socialmente.

Segundo Menezes (2000, p. 39, grifo nosso),

João da Silva Tavares foi um pardo que viveu em Fortaleza pelas alturas do longínquo ano de 1802. **Apesar de sua cor duvidosa**, era um dos raros letrados da época, exercendo, em consequência, o cargo de professor régio da Vila, sendo mestre em Gramática Latina, nomeado pela Mesa Censória de Lisboa, com os vencimentos anuais de 300\$00.

Em uma situação que vivenciou com os vereadores da Câmara da Vila de Fortaleza em 1802, João Tavares foi acusado de perturbação da ordem, e durante o processo que sofreu, João coloca em questão a credibilidade o escrivão da época “por dizer que o insultavam com o tratamento de pardo, mostrando ser arrogante e desobediente” (MENEZES, 2000, p. 41).

A situação de desconforto, de desconfiança, discriminação por causa da cor da pele é uma queixa de alguns que alunos relataram quando questionados sobre como é viver na Fortaleza dos dias atuais. O que é interessante também perceber é que tanto na narrativa elaborada por Menezes sobre esta Fortaleza nostálgica existente no imaginário do autor que parece ser apenas encantos, revela também a cidade em que parte de sua população sofre com o preconceito. E nas narrativas elaboradas pelos alunos também foi possível identificar elementos que identificam a cidade como um lugar bonito, agradável, de gente acolhedora, mas que ainda não conseguiu superar o racismo.

Outro cronista, memorialista da cidade de Fortaleza foi Milton Dias. No livro “Relembraças”<sup>8</sup> há uma escrita da memória. No capítulo intitulado “A cidade” encontram-se textos que exaltam a capital cearense, traz uma descrição da cidade, de certos locais que foram palcos de experiências que permitiram uma identificação com a cidade. E sobre esse processo de identificação com a cidade, Milton Dias traz em sua narrativa experiências que encontram

---

<sup>8</sup> Publicado em 1983, o livro é uma coletânea das crônicas escritas por Milton Dias que abordam as memórias da infância, fase adulta, a relação com a cidade de Fortaleza, suas viagens e outras relembraças.

similaridades com as narrativas de alguns alunos quando perguntados sobre os locais de memórias e de identificação com Fortaleza.

Como o próprio autor descreve “este meu amor à Fortaleza veio da infância, cumpriu-se na adolescência, teve vigência na juventude e agora se exerce cada vez maior na idade madura” (DIAS, 1997, p. 185). Muitos são os locais que Milton Dias narra em seu texto, contudo, o mar que banha a cidade de Fortaleza, mais especificamente a Praia da Iracema, será para Dias um dos locais mais significativos de sua relação com a cidade.

Ah, o alumbramento maior foi o mar, o verde mar da Praia de Iracema, que me pegou de paixão à primeira vista, ainda agora duradoura, com a mesma intensidade. Este dito mar já me afogou, já me devolveu e eu não cansei, não canso, não cansarei nunca do seu amor, que tem a violência e grandeza das coisas ternas. Outros mares tenho visto, outras ondas frequentei, outros saís me banharam o corpo, outras marés me seduziram, outras espumas me chamaram, mas não, nenhum mar é como este nosso, pedaço de verde líquido, agitado, murmurante, cantante, soluçante, o verde mar de Iracema, que me acostumei a ver, a amar, a ouvir, que me recebe, me atrai, me alegra quando estou triste, me faz triste se estou alegre, - somos tão pegados, somos tão amigos, somos como irmãos mais aproximados do que o pedaço de chão que me viu nascer - verdade seja dita (DIAS, 1997, p. 183).

Essa relação especial e bonita que Dias sentiu e viveu com o mar da Praia de Iracema também é percebida na fala dos alunos, principalmente em um trecho da Praia de Iracema que nos últimos anos passou a ser conhecido como “praia dos *crush*”<sup>9</sup>. A praia será um dos locais que atravessam e alicerçam a identificação desses jovens estudantes com a cidade de Fortaleza.

---

<sup>9</sup> O termo de origem da língua inglesa, “*crush*”, passou a ser utilizado como gíria em Fortaleza nos últimos anos. Utilizada para indicar uma paixão platônica, paquera. Exemplo: “João é o *crush* de Rafael”. Durante muito tempo conhecida como Praia do Lido, esse trecho da Praia de Iracema passou a ser frequentado por um público que não costumava ir a este local, ficou bastante movimentada e com esse novo perfil de frequentadores o local foi “rebatizado” com a gíria do momento, afinal, devido à grande movimentação era possível encontrar sua paixão platônica, a pessoa que se paquerava, o “*crush*”.

Figura 5 – Praia de Iracema década de 30 do século XX



Fonte: Arquivo Nirez (Década de 1930 do século XX).

Figura 6 – Praia de Iracema em 1939



Fonte: Arquivo Nirez (1939).

Figura 7 – Trecho da Praia de Iracema/ ‘Crush’. Ano 2010 (século XXI)



Fonte: Conheça o Bairro – Praia do Lido/Crush (2010).

Milton Dias indica em seu texto uma das formas para melhor conhecer e entender não apenas Fortaleza, mas qualquer outra cidade, transitar de ônibus. Esta experiência é uma forma de olhar para cidade como se fosse pela primeira vez, observar as ruas, todo o tipo de gente e vendedores que surgem pelo caminho, os barulhos, os sons, cheiros, os bares, lojas, tudo que possa ser captado pelos sentidos.

Diz ainda Milton Dias (1997, p. 187) que

Experimente, por exemplo, ir ao Mucuripe e empreender de ônibus a longa viagem de ida, como se nunca tivesse explorado aqueles caminhos [...]. O ônibus para ali na Praça da Sé, e enquanto você espera, um menino oferecerá pirulitos, uma senhora reclamará contra os preços, uma outra falará contra o número de coletivos, e a moça de calça comprida, óculos escuros, lenço de seda na cabeça, sacola pendurada no braço, estará dizendo que periga não ir no próximo, porque seu retardatário bem-amado não chegou. Nisto, o ônibus chega, você disputa o lugar e dará graças a Deus se conseguir sentar-se, e se lhe tocou, como no meu caso, um canto de janela, com direito à tela panorâmica. [...] Depois da Praça Cristo Redentor você dará uma mirada nos azulejos da Igreja da Prainha e à entrada da Avenida Monsenhor Tabosa que o levará ao Mucuripe, você verá um velhinho sentado à sombra da sua casa, de pijama, a cadeira comum instalada na calçada, numa atitude de relaxamento muscular, o ar tranquilo de quem, a manhã inteira, permanecerá ali, espiando os passantes, os ônibus, a vida aguardando o seu almoço - e no oitão da casa, uma carroça está abandonada em descanso dominical, sem o burro respectivo que pouco adiante você descobrirá, aventurando pegar algum capim num

terreno hostil de má pastagem. [...] Faça favor de descer do ônibus à altura do cais do porto - faça de conta que nunca viu Fortaleza e lembre-se de que para conhecer bem qual cidade do mundo é preciso andar de ônibus, ir ao mercado, ao cais do porto, conversar com garçom, o barbeiro, o engraxate, o ascensorista - assim você terá uma média do que pensa o povo dessa cidade, como ele vive, mora, ama, sofre, come e trabalha.

Vivenciar um longo trajeto de ônibus pode ser mais uma forma de entender e se identificar de alguma forma com a cidade. É curioso perceber que surgiram algumas respostas de alunos que afirmavam que o principal meio que tinham para circular pela cidade era o ônibus que utilizavam no trajeto casa – escola - casa. E diante desta constatação sugeri aos alunos que no próximo trajeto de ônibus que fizessem, eles tentassem olhar a cidade como se fosse a primeira vez, o que chamava a atenção deles, as pessoas, construções, sons?

Foi um exercício interessante, pois surgiram observações como: “reparei que é só dobrar na rua da minha casa que começa a rua toda esburacada, deve ter faltado asfalto pra minha rua, só pode!”, “Acho que eu moro na área mais feia da cidade, as casas tudo pichada, a praça mal iluminada”, “Eu já me acostumei, mas aquele trecho da avenida da leste é podre, mas a vista pro mar é muito linda.”, “Todo dia sobe no ônibus a mesma mulher que conta a mesma história desde ano passado, ela quer dinheiro pra voltar pro interior dela, que passagem cara é essa que ela não consegue juntar dinheiro?”

As narrativas que viajantes, memorialistas e cronistas da cidade de Fortaleza permitiram entender um pouco da forma como a imagem da cidade foi sendo elaborada com o passar do tempo e em como essa imagem tornou-se uma espécie de legado que vigora até os dias atuais. No capítulo seguinte foi possível analisar as imagens construídas, as narrativas elaboradas que os alunos do Colégio Liceu do Ceará trazem em seu discurso. Como dito anteriormente, alguns elementos presentes na escrita dos memorialistas também foram encontrados nas falas dos alunos. Perceber as aproximações e diferenças entre os discursos é ter um olhar sobre como a mesma cidade é vivenciada/sentida das mais diversas maneiras.

### 3 FORTALEZA DE AFETOS: IMAGINÁRIOS, NARRATIVAS E SENSIBILIDADES

É preciso andar pela cidade e caminhar talvez seja a forma primeira de vivenciar a cidade, reagir ao mundo urbano, coletar impressões e fabricar memórias. Experienciar a cidade exige ter sensações. É preciso colocar o corpo em movimento nas ruas, caminhos, praças e avenidas que compõem o tracejado urbano. Para além do frio, calor, vento, maresia que uma cidade pode oferecer, pois a experiência de sentir e viver a cidade não estará completa sem a presença e o olhar do outro que também se insere como elemento constituidor do processo de identificação e pertença em relação à cidade.

Para tecer narrativas sobre a cidade é preciso que o sujeito histórico esteja em circulação no espaço. Narrar é o momento em que a memória, as emoções, impressões e anseios são elaborados no intuito de que o relato possa ter uma conexão com o vivido, com o que é experimentado no corpo. “Narrar é se inscrever na linguagem e se submeter à sua materialidade; narrar é colocar uma interpretação em meio a outras e se comprometer com uma *versão* da história” (FEDATTO, 2013, p. 38).

O cenário urbano não é composto apenas por sua arquitetura e pelo o que há de concreto. Não há como pensar o urbano sem levar em consideração o seu aspecto vivo: pessoas, conversas, memórias e afetos. É do cotidiano, das trocas, das experiências com o outro que imagens urbanas também são criadas. Desse imaginário histórico é possível lançar um olhar, uma análise sobre como a cidade pode ser sentida e experienciada.

Escutar aqueles que habitam determinado espaço é uma forma de entender as possibilidades de ocupação, vivências e percepções que este determinado espaço pode oferecer. A cidade de Fortaleza é este espaço e os sujeitos históricos que esta pesquisa procurou dar voz são jovens estudantes secundaristas da rede pública de ensino.

Eles, os estudantes, possuem discursos múltiplos e diversos sobre a cidade de Fortaleza. Em determinados momentos as falas desses jovens convergem para os mesmos medos e anseios de se viver numa das maiores cidades do país. Já em outros momentos percebe-se como a afetividade com Fortaleza foi forjada na intimidade que só é possível em seu cotidiano. Uma cidade que se revela aos poucos para alguns e já para outros surge em toda sua pujança de desigualdade social que cria fronteiras urbanas para os habitantes de sua periferia. Uma cidade que limita e segrega.

Este capítulo aborda as impressões que os alunos do Ensino Médio do Colégio Estadual Liceu do Ceará têm sobre a cidade de Fortaleza. Baseado em entrevistas realizadas com 77 alunos, este capítulo traz análises sobre a forma como eles vivem e sentem a cidade,

seus afetos e memórias, a relação entre o ensino de história local e a forma de experienciar o mundo urbano de Fortaleza, o imaginário que eles construíram e em como foi se constituindo a relação de identidade com a cidade.

Fortaleza não é apenas o caminhar pelas ruas do Centro, sempre tão movimentadas, vislumbrar alguma fachada de algum prédio do final do século XIX ou começo do século XX que ainda resiste entre as fachadas de lojas e farmácias, pequenos fragmentos de uma memória urbana que ainda insiste em contar sua história. Uma fortaleza que não é mais.

A história da cidade não se restringe a sua faixa litorânea: Fortaleza do porto do Mucuripe, Beira-Mar e Praia de Iracema que já foi conhecida por sua vida noturna, boêmia. Praia de Iracema dos mares, bares, abraços e segredos. A cidade também se faz em sua periferia, por seus bairros “distantes”.

Buscar conhecer a história da cidade que existe no imaginário, nos discursos dos alunos é uma atividade que todo professor, professora que trabalha com história local deveria realizar em algum momento de suas aulas. Ao longo de alguns meses nesse processo de investigação, os dados coletados permitiram entender um pouco mais desta cidade, compreender como as desigualdades sociais existentes são sentidas e vivenciadas por diversas meninas e meninos do Ensino Médio e em como essas desigualdades interferem no processo de pertencimento e identificação com a cidade. Com a análise dos dados foi possível investigar se há alguma relação entre conhecer a história da cidade e se, de alguma forma, este conhecer influenciou ou não na forma de se relacionar com Fortaleza.

E ao final do processo de análise dos dados coletados buscou-se traçar um perfil dessa cidade que existe na narrativa desses jovens alunos.

### **3.1 “Adeus, adeus só o nome ficou/adeus Praia de Iracema, praia dos amores que o mar carregou”: das praias e encantos a uma cidade de medo e violência**

Em uma análise sobre as respostas que os alunos deram a pergunta: “Qual a imagem da cidade de Fortaleza?”, percebeu-se, em um primeiro instante, que a cidade encontrada no imaginário dos alunos era de um local que tem suas belezas naturais exaltadas. A praia, o mar que banha a cidade foram elementos bastante citados nas respostas dos alunos: “Uma cidade com belas praias”. “Fortaleza é uma cidade muito bonita, ótima para ir a praia com os amigos”. “Uma cidade boa para os turistas que gostam de praia”.

Cidade que ao longo do tempo foi se voltando cada vez mais para o mar, a praia como espaço de moradia e lazer não apenas para as comunidades de pescadores, mas para outros

segmentos sociais mais abastados, alvo da especulação imobiliária. O turismo passou a ter um destaque bastante significativo na questão econômica do município. “Uma cidade acolhedora, animada, que recebe bem os turistas”.

A mesma cidade que tem suas praias e sua vocação para o turismo elaborada no imaginário social, que permite que estes jovens possam se reunir para aproveitar o sol, praia, mergulhos no mar e sentir os mesmos prazeres dos visitantes é uma cidade que divide espaço com outro elemento bastante recorrente no discurso desses jovens estudantes, a violência: “Cidade turística, mas marcada pela violência.”

Do imaginário de cidade de sempre verão, Fortaleza é percebida por estes jovens como uma cidade violenta e perigosa. Violência essa que cerceia a circulação desses estudantes pela cidade e que torna a experiência de vivenciar o mundo urbano de outra forma.

As impressões de uma cidade violenta andam de mãos dadas com o discurso de uma cidade extremamente desigual. Esses jovens, em sua maioria, moradores de bairros periféricos, traduzem em seus relatos as consequências de um desenvolvimento econômico-social que não contempla os moradores da cidade de uma maneira mais justa, equilibrada. Ao lembrar o processo de desenvolvimento histórico da cidade, percebe-se que a cidade ainda mantém em sua dinâmica uma ação segregadora. A cidade que traz em seu nome as origens de seu desenvolvimento, parece ainda manter fortificações que determinam quem pode viver dentro e fora de seus limites de segurança e bem estar.

“Moro em um bairro onde o saneamento básico é para poucos. No bairro que eu moro hoje não existem grandes áreas de lazer. Mas já tive bons dias e noites nas próprias ruas. Sempre tive acesso a muitos lugares no bairro e em lugares de fora, sei que sempre tive muito medo de ser desprezado ou discriminado em determinados lugares e bairros”.

Este relato sintetiza tantos outros relatos que os alunos trazem em suas vivências. A falta de uma estrutura urbana mínima que assegure não apenas a saúde física, mas, também, a saúde mental desses jovens. Cidade que não fornece espaços destinados para o lazer em bairros que não costumam ter um olhar mais sensível do poder público. Espaços não contemplados por políticas públicas ou que não chegam a contento.

Sobre o mesmo relato ainda é possível encontrar um elemento que mostra que a cidade se faz nas múltiplas formas de ocupar seus espaços. É preciso estar, andar, caminhar, transitar pelos espaços. O corpo em circulação. “Mas já tive bons dias e noites nas próprias ruas”. Neste momento vale lembrar o que diz Paola Jacques (2012), em seu livro “Elogio aos errantes”, “São as apropriações e improvisações dos espaços que legitimam ou não aquilo que foi projetado; ou

seja, são essas experiências do espaço pelos habitantes, passantes ou errantes que reinventam esses espaços no seu cotidiano”.

Dar voz a estes jovens sobre a forma como eles vivem a cidade é uma forma de entender como determinados espaços são legitimados como espaços de memórias, em como a cidade, mesmo em seus mecanismos de exclusão, cria brechas para uma identificação pautada também pelos bons afetos. Importante lembrar que só quem pode dar significados à cidade é quem realmente a vive.

“Minha Fortaleza não é muito extensa por não ter muita possibilidade e acessibilidade. Cidade que vivem muitas pessoas, mas é dividida em duas. A classe alta e a baixa. A que me é permitida viver é a que a maioria vive, os pobres. O que a minoria vive são em lugares ricos e que poucos podem ter acesso”.

Aqui um outro relato, mas com um mesmo sentimento compartilhado, uma cidade desigual. Aqui surge uma Fortaleza que não se permite ser acessível. Deslocar-se de um bairro para outro mais distante pode ser um fator limitante para parte de sua população. A cidade é sentida aqui, neste relato, como uma cidade dividida em duas onde a maior parte de seus habitantes está circunscrita a parte pobre. Se para uns a cidade pode ter um fator excludente no medo de sofrer alguma forma de preconceito, discriminação por causa da origem simples e pobre, para outros a Fortaleza real é aquela condicionada pelas formas de acessibilidade. Ou seja, nas condições que este jovem tem de garantir alguma forma de condução pela cidade, seja transporte público ou não.

Essa limitação em decorrência da pouca acessibilidade da cidade faz com que certos alunos não consigam acessar determinados locais da cidade que são compreendidos como locais de cultura, de história. É o que é possível perceber no seguinte relato: “Eu não ando muito o quanto eu queria, quase nunca fui a monumentos, praças, locais de cultura. Queria conhecer melhor. Eu nunca fui porque é muito longe da minha casa e não tem como”. Em outro aluno encontramos o seguinte relato: “Eu sinceramente não gosto da forma como eu vivo na cidade. Eu gostaria de conhecer os vários locais “massa” que tem em Fortaleza”. “Sentimento de tristeza por não poder explorar a cidade”.

Não poder circular livremente no local que se vive certamente é algo que marca profundamente a forma de se relacionar e se identificar com a cidade. Como criar outras narrativas sobre Fortaleza se a possibilidade de transpor bairros e avenidas encontra tantos entraves? Seja por questões econômicas ou de infraestrutura urbana por morarem em áreas que não contam com um serviço de transporte público eficiente e capaz de transportar para os lugares mais distante de suas residências.

O preconceito por questão social é uma das ondas que avançaram destruindo a imagem de uma cidade de encantos e boa de se viver. A queixa dos alunos acerca da sensação de desconforto, de olhares que constroem e intimidam por estar e frequentar espaços ditos “nobres ou ricos” de Fortaleza nos dá uma ideia da segregação espacial em decorrência da questão social-econômica de seus moradores, no caso desta pesquisa, com os jovens estudantes.

É o que encontramos nos próximos relatos: “Me sinto bem no meu bairro porque existem pessoas que não vão julgar como eu me visto ou julgar minhas ações. No meu bairro eu me sinto confortável. Em shoppings como Iguatemi eu me sinto desconfortável”. Em um outro relato: “acho que as pessoas nos julgam muito pelas roupas que usamos, pelo nosso jeito. As vezes evito ir em locais por conta da discriminação”. “Só consigo me sentir segura para ser quem eu sou, para pegar na mão da minha namorada, quando eu estou chegando próximo ao Benfica<sup>10</sup>. Eu, negra, lésbica e morando na periferia? Não é todo lugar que eu me sinto segura

No discurso desses alunos encontramos uma cidade que é vivenciada na discriminação social. Aqui a cidade mais uma vez se divide e limita as formas de experienciá-la. Aqui não mais as limitações de infraestrutura do transporte urbano, mas a divisão sentida pela questão econômica. Uma Fortaleza que emerge de experiências segregadoras e é elaborada no imaginário como uma cidade que permite que uma parte de seus moradores não possam existir com as roupas que costumam usar e com o jeito de ser de quem vive a cidade nos bairros periféricos.

Pensar sobre as fronteiras sociais que estão postas na cidade de Fortaleza fez rememorar, por exemplo, o Passeio Público. Construído no final do século XIX na fase de crescimento e enquadramento aos moldes de uma cidade moderna, o Passeio Público em sua origem contava com três segmentos, um para os mais ricos desfilarem a última moda que tomava conta de Paris e outro segmento para aqueles não tão ricos, nem tão pobres, mas que aspiravam a livre circulação junto aos mais ricos, e o último segmento eram destinados aos pobres que vivenciavam o Passeio Público nas areias, longe do segmento que continha cafés, jardim e estátuas de esfinges e Adônis que embelezavam o primeiro pavimento. Uma distância pequena em termos geográficos, mas imensa quando pensada em termos sociais.

No passado quanto no presente não existem placas ou outro instrumento material que indique quais espaços estão destinados aos mais ricos ou aos mais pobres. Tanto no passado

---

<sup>10</sup> Benfica é um bairro da cidade de Fortaleza. Bairro com muitos bares, cafés e restaurantes. Com forte presença de jovens universitários devido a presença de campus da Universidade Federal do Ceará -UFC, a presença do Instituto Federal do Ceará -IFCE, Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará - UECE. Bairro considerado “*gay friendly*”.

quanto agora existe o olhar que segrega e intimida, existe o desconforto, e às vezes, o quase pedido de desculpa por frequentar espaços da cidade que lhe é sentido como não pertencente ou digno de se estar.

Em um fenômeno mais recente as ações das facções criminosas que atuam na capital cearense passaram a compor as narrativas que alguns jovens trazem em suas formas de viver a cidade. Em uma disputa extremamente violenta por territórios, alguns jovens, mais especificamente os jovens periféricos, passaram a ter outra relação com a cidade e seus espaços. Em uma explicação simples, o indivíduo que vive em uma área dominada por determinada facção não encontra acesso fácil e livre território dominado por outra facção.

“Uma cidade onde não podemos andar sem medo. Não podemos andar em outros locais por conta de facções”. Em outro relato: “A cidade que me é permitida viver é dentro do meu bairro, pois quando saio só tem negócio de facção”. Em mais um: “Eu só posso namorar na escola, porque eu moro num bairro de uma facção e minha namorada num bairro de outra”.

Essa situação de violência e medo faz com que o mapa da cidade passe a ter outros limites. Aqui a cidade, ou melhor, os bairros periféricos passam a ter suas fronteiras delimitadas pelas ações das facções. O ato de atravessar a rua para frequentar um centro cultural pode significar retaliação por parte dos grupos faccionados. Quando um desses jovens relata sobre os locais que podem frequentar sob a “proteção” de grupos criminosos é uma forma de entender muito sobre como a cidade de Fortaleza não consegue implementar políticas públicas eficientes que visem a segurança pública e desenvolvimento social. Uma cidade que falha em não ter um olhar digno para boa parte de sua população pobre e periférica.

O Colégio Liceu do Ceará, escola onde foi realizada a presente pesquisa, não é uma escola considerada de “bairro”. Por ser uma escola de referência e que recebe alunos de várias áreas da cidade, inclusive de cidades da região metropolitana de Fortaleza, é uma escola que se tornou uma opção para alguns alunos que não puderam estudar nas escolas de seus bairros pelo fato da escola, por exemplo, estar localizada em faixa territorial dominada por uma facção e o estudante morar em uma faixa dominada por outra e, diante dessa situação, ele não seria bem recebido na escola de seu bairro de origem.

Ainda sobre a relação dos alunos com a escola, foi interessante perceber nas entrevistas a relação que os alunos estabelecem com escola que estudam, no caso o Colégio Estadual Liceu do Ceará. Em inúmeros relatos foi possível constatar a escola como um local importante para os jovens estudantes, não apenas pelas relações de afetos que foram e são construídos cotidianamente neste espaço, mas também como um ponto da cidade de Fortaleza que para

acessá-lo era preciso deslocar-se para fora do bairro que residem e em outros casos sair da cidade que vive

Para muitos ir para a escola tornou-se uma forma de conhecer e estar em outros lugares da cidade que até então não haviam experimentados, a sensação de estarem expandindo certas fronteiras dentro de Fortaleza. A necessidade de ter que utilizar o transporte público para chegar até a escola transforma-se em uma experiência onde a janela de um ônibus torna-se vitrine de uma cidade que se descortina completamente inédita para aqueles que ainda não tinham a chance ou a oportunidade de estar em um lado da cidade que ele não estava habituado.

“Assim que comecei a estudar no Liceu, minha vida mudou. Entrei em uma escola pública e tive que aprender a andar de ônibus, foi uma experiência maravilhosa, me senti independente e parte da cidade, mesmo percorrendo sempre o mesmo trajeto, eu me sentia bem. Passei a sentir a Jacarecanga, que até então eu não sabia que existia, passei a ver com outros olhos a praça, os casarões e as pessoas. Vivenciar o centro da cidade me dá uma nostalgia mesmo não tendo vivido quase nada (ainda)”.

A escola como lócus de identificação com a cidade. Nos relatos dos alunos foi possível identificar a escola com um dos locais que eles mais estabelecem uma relação de identidade. Entendem a escola como um local de memória e de afetos. Pois, segundo os estudantes a “escola é onde eu posso encontrar meus amigos com tranquilidade”, “na praça do Liceu é onde eu costumo ficar conversando com meus amigos”, “a cidade é da minha casa até a escola”, “minha mãe só deixa eu sair sozinho se for para escola”, “O Liceu me traz boas lembranças, faz parte da minha vida”, “me identifico com a praça do Liceu porque é para onde eu vou mais”, “a escola porque é onde eu passo a maior parte do meu tempo”.

O espaço geográfico no qual a escola está inserida, os meios para se chegar até ela, o trajeto casa-escola que o aluno faz todos os dias acaba sendo uma maneira do professor, professora de história trabalhar a história local pautada na realidade, vivência do aluno na cidade, pois, possibilita olhar para a cidade de uma maneira que instigue aos alunos questionarem sobre o porquê da necessidade de sair do bairro que reside e se deslocar para outro bairro, muitas vezes, distante para poder estudar, ou sobre as dificuldades de acessar a escola também pode ser um mote para um debate sobre o desenvolvimento urbano de Fortaleza: por que determinadas áreas da cidade contam com um serviço de transporte mais eficiente que outras? Possibilidades de se trabalhar a história da cidade partindo da experiência do aluno.

De uma cidade que surge no imaginário como cidade de ótimo destino para quem é de fora, para os que vêm aproveitar a cidade de muito sol e mar, de bares e abraços festivos, a cidade protegida pelo Forte de Nossa Senhora da Assunção. Cidade feliz e acolhedora. Foram

vários os relatos dessa cidade boa de conhecer, de se viver. Porém, a narrativa da cidade marcada pelo medo, pela violência, pela desigualdade e preconceito ecoaram de maneira muito mais forte e contundente do que a narrativa de cidade turística. Na fala de tantos alunos foi possível perceber alguns dos processos de desenvolvimento histórico da cidade: divisão territorial da cidade em áreas “nobres” e pobres, um crescimento desordenado e um planejamento urbano falho, o estabelecimento de fronteiras sociais que delimitam e segregam os seus habitantes, a ausência do poder público e controle das facções criminosas.

“Uma cidade linda, afetuosa, interessante para conhecer “por fora”, mas quando olhamos a fundo os lugares “abandonados” pelo Governo, não é o que parece”.

Quando o porto do Mucuripe foi construído a natureza reagiu com o avanço do mar na cidade de Fortaleza. O bairro mais boêmio da cidade, a Praia de Iracema, testemunhou o fim de uma Praia de Iracema conhecida como a Praia dos Amores. Nos versos da canção gravada nos anos 50, de Luiz Assunção, encontramos um pesar daqueles que perderam parte de suas memórias na praia dos amores: “Adeus, adeus, só o nome ficou/ Adeus Praia de Iracema, praia dos amores que o mar carregou/ [...] De um casal apaixonado/ que tanta coisa jurou/ Mas a causa do fracasso foi o mar enciumado que da praia se vingou”. Da Praia de Iracema destruída e transformada pelo avanço do mar devido a construção de seu porto, Fortaleza se transforma no discurso de cidade de beleza e prazeres em cidade que testemunhou não apenas o avanço do mar, mas também o avanço de um crescimento desigual e cruel que brota nas narrativas de uma juventude que tem seus corpos impossibilitados de existir plenamente na cidade que vivem. Porém, mesmo com todas as impossibilidades e olhares que dizem “não”, esses jovens vivem e criam memórias com a cidade. Apesar da exclusão dos vivem fora do Forte, Fortaleza, ainda assim, é palco e local das boas memórias e bons afetos. Cidade das brincadeiras na rua e banhos de chuva.

### **3.2 A cidade dos afetos: sentimentos e experiências de um viver urbano**

Uma cidade não é constituída apenas pelo concreto de suas construções e avenidas, é preciso mais, muito mais. A cidade se faz pelas pessoas que a habitam, transitam e a vivenciam das mais variadas formas. A cidade acontece pela vida humana que é erigida em seu território, e certamente, só acontece quando seus espaços são dotados de sentidos. Pesavento (2007, grifo nosso) nos fala com melhor nitidez, pois nos diz que

[...] cidade sensível é aquela responsável pela atribuição de sentidos e significados ao espaço e ao tempo que se realizam *na e por causa* da cidade. É por esse processo mental de abordagem que o espaço se transforma em *lugar*, ou seja, portador de um significado e de uma memória.

Visando tentar entender como os alunos se relacionam com a cidade de Fortaleza, os estudantes foram questionados sobre quais sentimentos, como eles sentiam a relação deles com a cidade, numa tentativa de perceber a cidade pelo sensível, pelos significados emocionais que eles desenvolveram e que ajudam a compor essa cidade presente em suas narrativas.

O que emerge no imaginário desses alunos é uma Fortaleza moldada, em sua maioria, pela memória da época de quando eram crianças. Aqui percebemos que muitos dos lugares que possuem algum tipo de significado estão vinculados a essa fase de suas vidas.

Uma Fortaleza que existe no trajeto casa - escola, a cidade limitada pela vontade dos pais: “a cidade que me é permitida é a que minha mãe deixa”. Aqui temos uma cidade de crianças brincando na rua de suas casas ou nos bairros próximos, temos uma cidade de praças como um dos principais pontos de diversão e sociabilidade: “Meus locais favoritos são: uma praça no Conjunto Ceará, onde havia um pé de tamarindo enorme (na verdade eram várias) e a Praça do Ferreira, no centro. Porque em ambas as praças eu me juntava e me divertia com meus amigos, também porque os tamarindos eram bons e porque tinham vários eventos na outra praça deveras atrativos”. “Na Praça do Parque Araxá, é perto da minha casa e toda semana estou lá com meus amigos e jogando também”.

O bairro onde viveram a infância é um local de destaque na relação deles com a cidade. Sendo uma das primeiras experiências mais elaboradas e dotadas de significados. “Meus locais de memórias são poucos, talvez a maior parte esteja presente no apartamento que eu morava ao lado da Marinha, pois foi só quando eu me mudei para lá que eu passei a socializar com pessoas e ter amigos. Mas também me lembro da casa da minha avó, pois eu costumava brincar na calçada de lá quando criança”.

Seguem mais relatos dessa cidade primeira, cidade guardada na memória pelo olhar da criança: “O local que eu mais me identifico é a praia dos Pocinhos, no bairro Pirambu, que hoje em dia é conhecida como Vila do Mar. Era um local da minha infância, eu frequentava muito, hoje frequento de vez em quando”. Em outro relato: “Antiga rua que morei no mesmo bairro. Eu carrego muitas lembranças de lá, pois foi onde passei metade da minha infância juntamente com amigos que até hoje mantenho contato”.

Sobre a cidade que eles vivem na adolescência, é descrita uma cidade que proporciona uma sensação de medo, tristeza, frustração, mas também inspira alegria e admiração.

“Minha relação é boa e ruim ao mesmo tempo por conta que eu queria muito conhecer os pontos turísticos da cidade, mas, infelizmente, não posso por conta que a maioria das vezes eu estou sem tempo ou dinheiro para sair”. Em outro relato: “não é em todo lugar que consigo me sentir confortável sendo eu mesmo”. Em outro relato: “Só vou para os lugares que conheço e sei que sou bem-vindo”. Muitas vezes o bairro torna-se o lugar ‘seguro’ para se estar, pois a identificação com a cidade, nesses casos, acaba acontecendo, basicamente, com o bairro e seus arredores por ser uma área onde este jovem estabeleceu laços afetivos, e claro, em decorrência de sua condição social que inviabiliza o acesso a outras áreas, e claro, o preconceito que muitos sentem por causa de sua origem social e a questão racial.

Nessas narrativas também houve espaço para uma cidade que tem em suas praias um dos locais mais significativos para estes jovens. A praia como um dos motivos de alguns terem um sentimento de admiração por Fortaleza e de felicidade. Felicidade por ser um local que é frequentado junto dos amigos, família ou até mesmo só: “ver o pôr do sol na beira mar é uma das coisas que eu mais gosto de fazer”. “Praia da Leste, foi lá que eu fiz minha primeira competição de surf”. “Admiro minha cidade por ter lugares lindos”. “Fortaleza tem cada lugar bonito, tanta história”.

Estudar em uma escola pública de uma das cidades mais desiguais do país pode proporcionar uma troca de experiência de vida entre os alunos em sua forma de viver o mundo urbano de Fortaleza: “Eu vivo de uma forma ‘comum’, não sou totalmente ‘ruim de vida’. Por ter crescido em um bairro próximo a bairros nobres, nunca tive muito contato com a violência, mas hoje eu vejo muito mais. Eu saí da bolha”. O que é interessante contrapor com os mais diversos relatos dos alunos que não vivenciam a cidade como queriam por causa da violência presente em seus bairros que sofrem a influência de facções criminosas, ou os relatos que abordam a os sons de sirenes, balas e gritos da rua que moravam quando crianças.

Os sentimentos em relação a certos locais da urbe são uma forma de dar significado, de criar um sentimento de pertença com o espaço urbano. Pensar a cidade pelo viés afetivo é uma maneira de entender as múltiplas formas de como a cidade pode ser sentida, e em como o imaginário urbano traz em seu bojo o elemento afeto.

Quando os alunos foram questionados sobre quais os locais de memórias que eles conseguiam identificar na cidade, a maioria das respostas falava sobre os locais que remetiam à infância. E nesta situação, a cidade de Fortaleza se restringe basicamente aos bairros que eles viveram a infância, a rua das primeiras brincadeiras e primeiros amigos. Quando não o bairro ou a rua, a praia foi outro local elencado pelos alunos como a parte da cidade que eles nutriam uma relação afetiva, palco de boas recordações e histórias que marcaram suas vidas. São

nesses locais da cidade que eles conseguem, de uma certa maneira, associar com suas vidas. O urbano sendo humanizado e tendo significado histórico para determinadas pessoas.

Os espaços só passam a existir e representar algo quando eles se tornam palco de alguma vivência, de alguma troca humana, apenas passa a ser imbuído de sentido quando uma ou mais pessoas fazem suas vidas acontecerem ali.

### **3.3 A cidade de Fortaleza e o conhecimento de sua história**

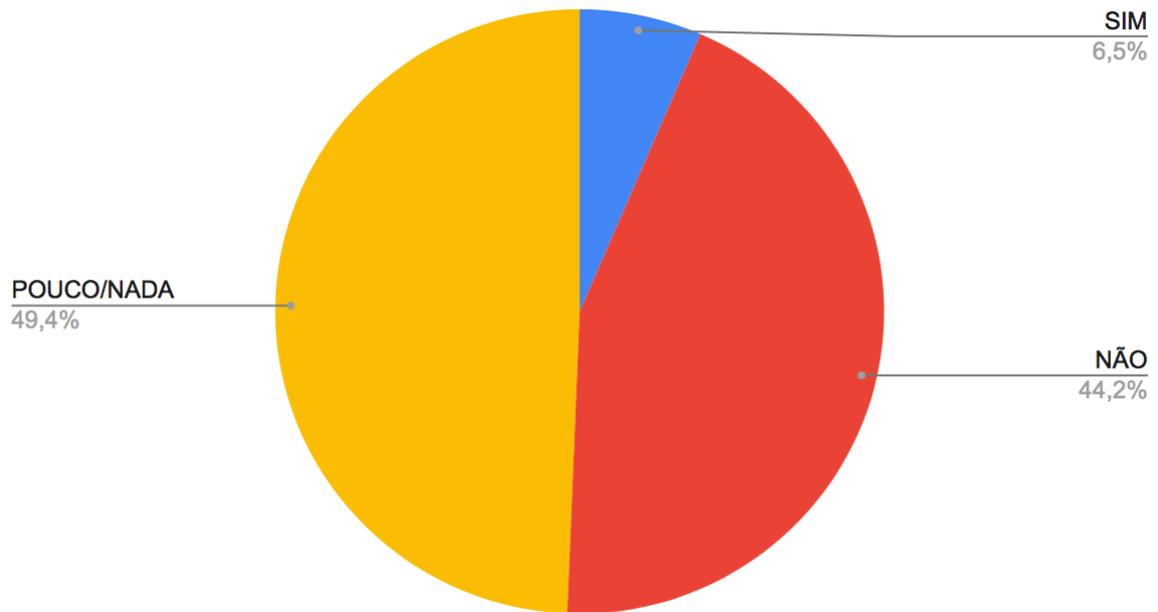
É possível traçar alguma relação entre a forma de vivenciar a cidade e o conhecimento que se tem da sua história? O sentimento de pertencimento à cidade está relacionado, de alguma forma, com a questão do conhecimento histórico do local que o indivíduo vive? A identidade com a cidade também passa pela história que é, de alguma maneira, acessada por este indivíduo?

A construção da identidade com a cidade perpassa pelo o que os que vieram antes de nós nos contam, memórias compartilhadas que colaboram para o processo de identificação e pertencimento com a cidade. Além, claro, da interação e assimilação dos monumentos entendidos como portadores da história e memória urbana.

Buscando investigar sobre essas relações de identidade, pertencimento e o ensino de história local os alunos foram entrevistados acerca dessas questões. Inicialmente foram indagados se eles conheciam a história da cidade de Fortaleza e em seguida se o fato de eles conhecerem a história de Fortaleza mudaria, de alguma maneira, a forma de se relacionar com a cidade.

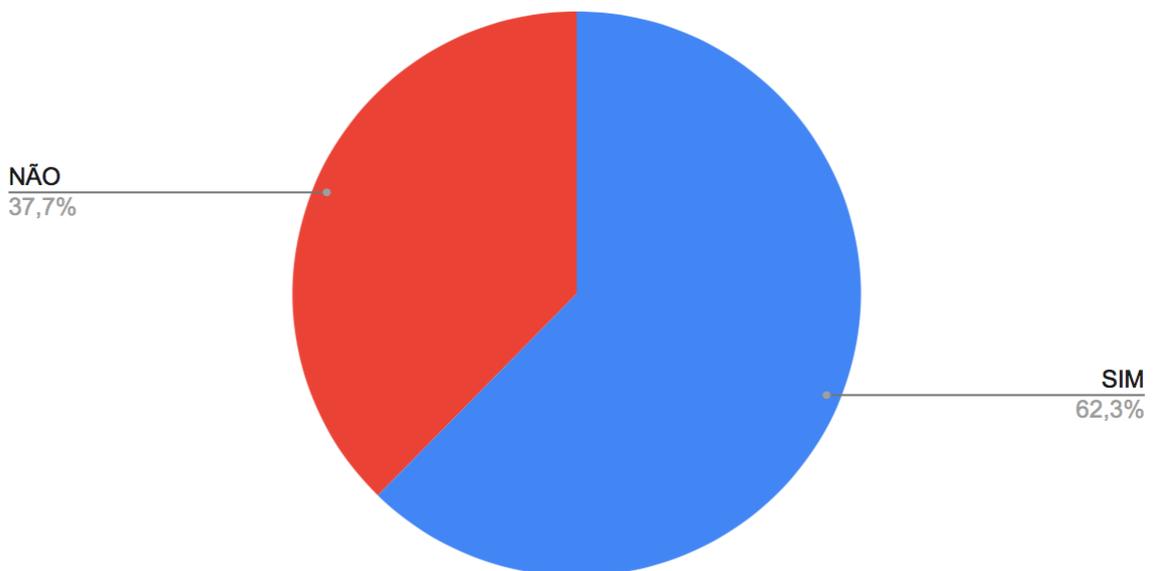
Como podemos observar com os seguintes gráficos:

Gráfico 1 – Conhecem a História da cidade de Fortaleza



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Gráfico 2 - Conhecer a história da cidade interfere no modo de vivenciá-la?



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Da análise das entrevistas foi possível constatar: 5 alunos responderam sim quando questionados sobre se conheciam a história da cidade de Fortaleza. De um universo de mais de 70 entrevistas apenas 5 alunos afirmarem conhecer a história da cidade que vivem, é um dado bastante expressivo e alarmante em relação ao conhecimento da história local. Dessas 5 respostas apenas um disse conhecer a história da cidade por causa das aulas que tivera durante

a disciplina eletiva “História de Fortaleza” ministra no Colégio Estadual Liceu do Ceará. Os outros apenas disseram conhecer a história. Ou seja, apenas um aluno diz ter obtido conhecimento da história local dentro do espaço escolar. Apenas no Ensino Médio este aluno teve a oportunidade de poder estudar, conhecer sobre a cidade que vive. Pensar que somente na fase final do ensino básico o aluno encontrará um estudo sistemático sobre história do Ceará ou de Fortaleza é algo bastante preocupante, pois parece não haver uma preocupação do poder público no sentido de proporcionar este conhecimento aos seus alunos. Talvez um dos motivos para que os alunos possam encontrar informações sobre história local durante o Ensino Médio em algumas escolas no Ceará seja em decorrência do processo seletivo para o ingresso para a Universidade Estadual do Ceará, pois em sua prova de vestibular encontram-se questões sobre a história do Ceará.

Todos os alunos que disseram conhecer sobre a história de Fortaleza concordam com a ideia de que ter o conhecimento histórico sobre a cidade permite uma mudança na perspectiva da forma de se relacionar com ela: “ao conhecer a história por trás de uma cidade, um estado ou uma pessoa conhecemos o que se passou, quem eu era e isso nos ajuda a preservar a cidade”, “assim eu saberei o que tal objeto ou lugar representa e ou seu significado”.

Ainda sobre este grupo de alunos é possível dizer que Fortaleza tem, para eles, a imagem de uma cidade turística, porém com um alto índice de violência, de uma cidade desigual: “uma cidade onde os ricos mandam e os pobres são injustiçados”. Para eles, os locais da cidade que eles mais se identificam são: o bairro que nasceram/ou vivem, a escola (Liceu do Ceará) e as praias. Curioso perceber que não há uma identificação com os locais, monumentos que historicamente são conhecidos por conter a memória urbana de Fortaleza, a identificação aqui se dá no campo da experiência familiar, da vivência do cotidiano, ou seja, a conexão com a cidade, a sensação de pertencimento é da ordem do íntimo, dos espaços ocupados por estes jovens. Essa percepção da identificação que esses alunos desenvolveram com a cidade soma-se a outro dado que esses mesmos alunos deram. Quando questionados se a história da cidade de Fortaleza e a história de vida deles estavam de alguma forma entrelaçadas todos foram unânimes em dizer que não. No caso desses alunos que dizem ter conhecimento da história local, esse conhecimento que dizem ter não foi suficiente para perceber qualquer elemento de ligação entre a história pessoal e da cidade, ou pelo menos, não com a imagem que se construiu de Fortaleza.

Passando pelos locais que esse grupo se identifica, indo além do imaginário construído e do conhecimento histórico que se tem sobre a cidade, esse grupo identificou em suas respostas alguns sentimentos em relação à Fortaleza: “amo a minha cidade, mas não me sinto mais em

casa. Tenho vontade de ir embora”, “tenho por Fortaleza um sentimento de orgulho e tristeza”, “eu amo esta cidade, mesmo ela sendo um local desigual”, “amo, mas espero que um dia Fortaleza volte a ser o que era antes”.

Analisando outro grupo de alunos, os que afirmaram não conhecer a história da cidade, 34 no total, podemos encontrar pontos bem similares com os alunos que afirmam conhecer a história local. Um terceiro grupo também foi analisado, os que dizem conhecer pouco ou quase nada da história de Fortaleza.

Os dados que esse grupo de 34 alunos que dizem não conhecer a história já nos chama atenção em respostas onde dizem que sequer tiveram a curiosidade em conhecer o histórico da cidade: “nunca nem tentei conhecer” e a constatação de que “nunca reparei em ter curiosidade”.

Aqui encontramos uma maioria que concorda com a ideia de que a percepção, relação com a cidade é alterada quando a pessoa detém algum conhecimento histórico da cidade que vive. Porém, 11 alunos dizem não encontrar relação entre a forma de vivenciar a cidade e o conhecimento que se tem dela. E apenas um aluno disse não saber responder esse quesito. Assim, vai se constituindo uma maioria que percebe uma importância no conhecimento da história local e em como esse conhecimento pode interferir na maneira de experienciar a cidade.

Sobre os espaços que eles identificam como locais de memória segue-se a mesma linha de entendimento do primeiro grupo analisado. Os espaços que trazem uma memória de bons momentos familiares emergem como os principais lugares de identificação, são eles: os bairros onde nasceram/vivem, praias. A escola continua sendo referenciada como lócus de memória e de identificação com a cidade. Outros pontos também foram citados como os shoppings e outros centros comerciais, mas vale ressaltar que esses shoppings e centros citados encontram-se nas áreas mais populares da cidade e não nos bairros considerados “nobres”.

Ainda sobre os locais que eles se identificam na cidade, uma resposta chamou atenção justamente por ser um aluno que diz não conhecer a história de Fortaleza, mas elencou como pontos de memória e identidade o centro da cidade e o Teatro José de Alencar que segundo o aluno “são lugares que mostram um pouco da história de Fortaleza. Assim como outros pontos turísticos”. Os dois pontos elencados por este aluno fazem parte da historicidade de Fortaleza, são lugares tidos como locais que contam o processo do desenvolvimento histórico urbano local. O teatro mencionado localiza-se no centro da cidade e é um dos equipamentos culturais mais antigos de Fortaleza, data de 1910. Vale lembrar o que Pesavento (2008) nos fala sobre a questão da centralidade urbana e nos ajuda a entender como esses pontos podem ter sido elencados como locais de memória e de identidade com a cidade:

Ser o núcleo mais antigo de um assentamento urbano implica poder contar, de forma visível ou não, com a certeza de ser o sítio portador do traçado original da urbe. Como núcleo de origem, os centros urbanos concentram os prédios mais antigos, ditos históricos e potencialmente referenciais para o passado da urbe; neste espaço central teve ainda início o processo de instalação dos primeiros equipamentos urbanos, assim como também tais sítios de origem são, via de regra, centros políticos, culturais, religiosos e, sobretudo, locais de intensa sociabilidade (PESAVENTO, 2008, p. 4).

No imaginário sobre a cidade encontramos visões bastante parecidas com o grupo inicial (dos que dizem conhecer a história de Fortaleza). Temos a visão de uma cidade turística, um bom local para se viver, porém com muita violência, uma cidade que poderia ser melhor cuidada, “uma bela cidade, mas que vive no perigo”. “Olha, por hora tem sido uma cidade interessante, vivo bem nela, o que peca é não saber sua história”.

Os sentimentos do terceiro grupo (dos que dizem não conhecer a história de Fortaleza) em relação a cidade perpassa muito pelo medo. Medo em sair só, medo de sofrer algum tipo de violência. Foi percebido também sentimento de frustração e tristeza. “Tristeza por não poder explorar a cidade”, “não gosto da forma que eu vivo na cidade, eu gostaria muito de conhecer os vários locais massa que tem em Fortaleza”, “Gosto da cidade, mas tem algo me deixa desgostosa”. Porém, Fortaleza é uma cidade que também incita em seus jovens moradores um sentimento de um gostar, amor e carinho, de um sentir-se em casa. “Tenho uma sensação de apego com Fortaleza, é a minha casa”.

O sentimento de amor e ódio ao mesmo tempo pela cidade foi relatado por muitos alunos, algo bastante compreensível para o espaço que é capaz de fornecer o cenário e outros tantos elementos para compor as melhores memórias, lembranças e afetos forjados pelas ruas e praias dessa cidade. Porém, é uma cidade que pode ser cruel com seus moradores e às vezes o sentimento encontrado entre os alunos é o desejo de ir embora. “É uma ótima cidade, mas acho que minha relação com ela melhoraria se eu fosse embora daqui”.

Esse desejo de ir embora demonstra que a história da cidade encontra eco e entrelaçamento com a história particular dos alunos. Aqui neste grupo a maioria não consegue perceber qualquer tipo de entrecruzamento ou reverberação da história local na história pessoal ou o contrário. Contudo, uma pequena parcela diz que há sim uma relação, oito alunos. Não souberam especificar como ocorre essa troca, “eu apenas sinto que a história da cidade conta a minha”, ou “Fortaleza conta a minha história porque eu cresci aqui e fiz minha história aqui”. Interessante perceber como alguns alunos não conseguem estabelecer uma correlação direta entre a história da cidade e a história pessoal, mesmo eles dizendo que existe essa relação, porém não conseguem deixar nítida essa conexão.

Em uma tentativa de explicação para este fenômeno, durante a análise dos coletados, das entrevistas realizadas com os alunos, foi possível identificar um sentimento de “distanciamento” com a cidade. É como se a cidade de Fortaleza existisse em apenas um determinado perímetro e alguns alunos (a maioria) não sentissem pertencentes a este espaço específico. Assim, os espaços de memórias, os locais com os quais eles se identificam não compõem o espaço imaginário que eles acreditam ser a cidade de Fortaleza.

Talvez se ao longo da vida escolar desses alunos eles tivessem tido a oportunidade de poder se debruçar e refletir sobre a história local, assim, eles poderiam nomear com uma maior nitidez essa relação entre história da cidade e sua história de vida, entender como uma história pode interferir e sofrer influência da outra.

O outro grupo a ser analisado é composto pelos alunos que em suas respostas disseram conhecer pouco ou quase nada da história de Fortaleza, formando um total de 24 estudantes.

O perfil deste terceiro grupo (os dizem conhecer pouco quase nada sobre a história da cidade) segue com os outros dois no entendimento de que sim, conhecer a história local interfere na forma de se relacionar com a cidade, a maioria, 20 alunos demonstraram ter esse entendimento.

Aqui também os locais que eles mais se identificam são o bairro onde nasceram/vivem, a escola que estudam, praia, praças e alguns shoppings. A cidade surge no imaginário como um local turístico, com muitas opções de diversão, lazer, de gente simpática e hospitaleira, mas é o discurso de uma cidade violenta e perigosa que predomina nas respostas dos alunos.

É possível encontrar sentimentos contraditórios em relação a cidade: “tenho gratidão por tudo que Fortaleza fez por mim, mas tenho vontade de ir viver em outro lugar. Aqui é muito violento”.

O pertencimento à cidade pode ser entendido na fala dos alunos quando dizem: “tenho um apego com a cidade por ter vivido toda minha vida aqui”, ou em outro relato quando a aluna diz: “é minha cidade, né? nasci e vivo aqui”. Analisando as respostas dos alunos foi possível apontar um sentimento em relação com a cidade devido ao único fato de terem nascido em Fortaleza, como se apenas esse ponto fosse suficiente para criar um vínculo indissociável com a cidade. Muitos alunos apontam apenas esse fato como o principal elemento que favorece o sentimento de pertencimento a cidade de Fortaleza.

Ainda sobre contradições em relação a cidade: “Essa cidade faz parte de mim”. O aluno que diz que a cidade faz parte dele é o mesmo que diz que não existe relação alguma entre a história da cidade e sua história pessoal. Como não haver conexão quando o sentimento de pertença à cidade é tão intenso ao ponto de afirmar: “(a) cidade faz parte de mim”?

Da mesma forma que nos outros dois grupos, a maioria continua afirmando não haver conexões entre o cenário da história local e o campo das experiências pessoais. Dos 24 estudantes que dizem conhecer pouco ou quase nada da história de Fortaleza, 20 compartilham a ideia que pode ser traduzida na resposta de uma aluna: “Não, não acho que uma intervém na outra”. Três alunos disseram perceber algum tipo de relação, mas aqui também não souberam explicar como esse entrelaçamento ocorre: “sim, porque eu faço parte dessa história”, “de certa forma sim, mas bem distante”. E um aluno disse não saber responder o questionamento.

Finda a análise dos alunos ao serem questionados sobre a fato de conhecerem ou não a história da cidade de Fortaleza e dividi-los em três grupos baseados em suas respostas foi possível perceber que o fato de dizerem conhecer a história da cidade não implica necessariamente no entendimento de como a história local age ou pode agir na vida, no cotidiano desses estudantes e para a maioria deste grupo não existe tal interconexão e para os que dizem haver, não conseguem elaborar a ideia, ficam apenas na experiência da sensação e não traduzem para experiências concretas.

Em contrapartida a maior parte dos alunos pesquisados concordam com o fato de que conhecer a história local infere em uma outra experiência de cidade. Em algumas respostas os alunos afirmam ser possível ter uma maior identificação com a cidade, falam sobre como conhecer o porquê da existência de determinado monumento pode dar um outro significado aos espaços públicos. A sensação de algo ter história é algo que chama atenção. Pois, ter história está associada, partindo das respostas dos alunos em questão, ao conhecimento dos monumentos, construções, locais tidos como históricos, consagrados pelo discurso historiográfico oficial.

Talvez a maior parte dos alunos pesquisados tenham a percepção que locais de história e memória sejam apenas os monumentos, construções e espaços consagrados pela historiografia oficial. Se os alunos apontam a rua ou praça onde se divertem no bairro que vivem, se a escola ou a praia é o local bom para se estar com os amigos, e todos os outros lugares que se tornaram palco, cenário de lembranças e afetos particulares não são associados como locais que também contam a história da cidade de Fortaleza, então é compreensível intuir o porquê deles não estabelecerem conexões entre a história da cidade e a história particular, pois, nessa linha de pensamento eles vivem para além dos limites de Fortaleza, ou seja, da cidade que contém a história. Aqui se sentem, de certa forma, à margem da história. Se um local, monumento, construção se torna histórico quando é dotado de significado pelo ser humano e passa a ter uma identificação, então ‘histórico’ também podem ser os locais, monumentos e construções que esses alunos cotidianamente dotam de significados. Assim, talvez, os alunos pudessem tecer

com melhor nitidez os fios que se cruzam e entrecruzam da história da cidade e história de cada um.

Tornar possível transitar por memórias, histórias de outros tempos que reverberam até os dias atuais, no cotidiano desses alunos, a possibilidade de um maior entrelaçamento do indivíduo e o local que habita, das memórias pessoais e do conhecimento histórico da cidade talvez possa emergir um sentimento de pertencimento mais enraizado. Ter algo para lembrar certamente é algo que nos faz capaz de encontrar alguma espécie de sentido naquilo que somos. Lembrar a cidade da infância é encontrar a rua das primeiras histórias, brincadeiras e medos, saber a história da cidade seria uma maneira de ampliar, entender de onde ou por que da rua minha infância não tem uma infraestrutura minimamente aceitável, ou compreender a dificuldade de acesso a outros espaços da cidade.

Assim, como tornar os locais que os estudantes se identificam em locais também detentores de uma história urbana? Fazer essa transformação talvez seja um dos desafios que o ensino de história encontra em sala de aula e que o ensino da história local pode contribuir de maneira bastante significativa.

Conhecer a história da cidade Fortaleza mudaria sua relação com a cidade? “Provavelmente, porque se eu soubesse realmente a história da cidade minha consciência sobre ela não seria a mesma como hoje em dia é”.

### **3.4 Narrativas sobre uma cidade**

Mas afinal, que cidade foi possível pensar a partir das narrativas elaboradas pelos alunos que participaram deste processo de investigação?

Das múltiplas narrativas sobre Fortaleza, foi possível refletir sobre essa cidade existente no discurso, nos relatos das memórias e experiências vividas por estes estudantes. A cidade que é construída é diversa, porém, foi possível captar pontos em comuns nas mais diversas falas captadas para esta pesquisa.

Narrativas elaboradas em sua maioria por estudantes moradores de áreas periféricas da urbe alencarina, chega a ser palpável as fronteiras sociais que são sentidas por aqueles que não vivem a cidade protegida, segura e bonita protegida pelos muros do Forte de Nossa Senhora da Assunção. A Fortaleza da maioria dos que contribuíram para esta investigação é uma cidade cuja dura realidade social consegue se sobrepor à beleza das praias, dos ventos fortes do mês de agosto. A Fortaleza das propagandas turísticas se perde entre os barulhos de sirenes, tiros, e

do intenso fluxo de turistas na visada beira-mar, e claro, na dificuldade de muitos de conseguirem chegar até ela.

Cidade do medo e da exclusão. Jovens que se sentem inseguros em frequentar bairros vizinhos aos seus, de se sentir seguro apenas na escola, o medo de ser punido com olhares de indignação e repreensão por ousarem estarem em espaços que não os aceitam pela forma de ser, se vestir ou falar. Espaços que não suportam, ou não querem ter que lidar, com a vida que ousar pulsar para fora das periferias. Existir para além dos espaços citadinos a quais historicamente aparentam ter sido relegados é mais que um ato de coragem, é à vontade, o desejo de tomar para si uma cidade que também é deles.

Como ter a identificação? Como sentir/querer pertencer à um lugar que constantemente lhe diz não? Tão jovens e tantos com o desejo de partir. Ir para qualquer outro lugar onde possam se sentir pertencentes.

Todavia, Fortaleza também foi narrada como a cidade palco das mais lindas memórias e histórias. Da cidade dos encontros. Dos bons encontros. Fortaleza das praças com seus pés caju e manga. Fortaleza que ainda é possível banhos de chuva com os amigos na rua, do calor abrasador que só parece ter fim com um mergulho no mar saltando da ponte velha. Dos dias de domingo com a família ali onde o rio encontra o mar na barra do Ceará. Cidade que tem o Colégio Liceu do Ceará que faz com que esses jovens possam ter um monumento histórico com o qual possam dizer: “o liceu do meu tempo era desse jeito... a praça em frente à escola era onde ficávamos depois das aulas ou quando não queríamos ter aula”. Identificação pelo afeto. Pertencimento por sentir-se parte da história.

E como sentir-se parte atuante da história se não há identificação com a história contada pelos ditos monumentos históricos ou com o conteúdo de história trabalhado em sala de aula? Como ter consciência de ser sujeito histórico se o aluno não encontra meios para isso e a sala de aula não permite ser, também, campo que possa reverberar as mais diversas vozes de seus alunos? Nos lembra Aryana Costa (2019, p. 133) em seu artigo sobre História Local,

[...] quando olhamos ao nosso redor, nos nossos bairros, associações, para as pessoas com quem convivemos, não enxergamos história neles e tampouco em nós mesmos. E por vezes, por isso, até (n)os desvalorizamos. Por raramente vermos “gente como a gente” como objetos das histórias que estudamos, também não aprendemos a nos vermos a nós próprios como objetos de história no próprio presente. Muito menos, então, como sujeitos.

Certamente o ensino da história local pode ser esta oportunidade de dar voz aos alunos e a partir desta abertura eles possam ter um outro entendimento de se perceberem como sujeitos

históricos. Há inúmeras possibilidades de temas que podem ser desenvolvidos pelo professor, professora de história, para esta pesquisa o mote condutor foi a cidade de Fortaleza, a forma como os alunos sentem, percebem e vivem a cidade.

Ler e escutar o que os alunos têm para dizer sobre a cidade de Fortaleza foi uma experiência bastante interessante e enriquecedora, não apenas para mim, professor, mas também para os alunos. Durante o processo de entrevistas e aplicação de questionários muitos alunos se viram pela primeira vez tendo que elaborar uma reflexão sobre como eles sentem a cidade. As narrativas que emergiram das vivências dos alunos mostraram uma situação bem peculiar: Fortaleza surge como uma cidade que não consegue ainda incluir a todos. Ou melhor, Fortaleza é uma cidade que aparenta ter história somente em determinados lugares, somente alguns bairros, algumas localidades conseguem conter uma memória urbana. A cidade de Fortaleza do século XXI parece ainda trazer em seu âmago a Fortaleza do século XIX, cidade que diz claramente que espaços cada grupo social deve frequentar.

Interessante perceber em meio a tantos relatos de memórias tão bonitas, significativas nos mais diversos locais da cidade de Fortaleza, porém, a identificação ou sentimento de pertencimento não é um sentimento nítido para muito alunos.

A cidade resultante das narrativas desses jovens é uma Fortaleza que se revela brutal em sua segregação, mas também que envolve e se torna palco para as lembranças mais bonitas. São as ruas dos bairros que eles cresceram que passaram a significar uma infância que ainda se fez livre, praças que guardam os segredos dos encontros após as aulas da escola, que para alguns alunos, foi preciso alargar os limites do que conheciam da cidade para chegar até a centenária escola Liceu do Ceará. A Fortaleza tão cantada por seus verdes mares, ainda tem na praia um local democrático, os banhos de mar em plena semana na praia de Iracema, na praia da Leste ainda configuram como um dos pequenos luxos de uma juventude que não consegue acessar outros pontos da capital cearense. A Fortaleza do medo não consegue se sobrepor a Fortaleza dos encontros, dos abraços, dos bons afetos.

Cidade que existe e resiste na forma como boa parte dos alunos a vivenciam, uma resistência diária. Mesmo muitos não conseguindo verbalizar como se dá a relação de pertencimento ou identificação, a cidade está presente na maioria dos discursos como um local que traduz um certo bem-estar. Talvez por ainda serem tão jovens, ou por não ter o costume de refletir sobre a relação com a cidade, eles não consigam perceber de uma forma mais nítida como o desenvolvimento histórico da cidade impactada a todos e em como cada reação a este impacto é, também, uma forma de agir sobre a cidade. A cidade do Forte de Nossa Senhora da

Assunção continua sendo construída a cada narrativa desses alunos. É preciso saber escutá-los para também entender que cidade é essa.

#### **4 EM BUSCA DA (MINHA) CIDADE INVISÍVEL – O PRODUTO**

Este capítulo traz a elaboração de um produto pedagógico que possa ser uma ferramenta para professoras e professores de história do Ensino Médio. Produto que venha agregar na experiência do ensino de história local.

O produto apresentado foi um desdobramento dos resultados obtidos com esta pesquisa, ou seja, o produto foi pensado e desenvolvido a partir das análises dos dados que as entrevistas e questionários trouxeram sobre a relação dos alunos do Colégio Estadual Liceu do Ceará com a cidade de Fortaleza.

A pesquisa pôde constatar diversas narrativas, foi possível perceber como alunos de vários bairros se relacionam com a capital cearense, as dificuldades, os locais que julgam contar a história da cidade, foi possível sentir a segregação social quando decidem estar em espaços que parecem não pertencer a eles, o brincar e estar na rua de casa, o bairro e o olhar do vizinho que o reconhece e o aceita em sua forma de ser, falar e se vestir, o olhar de pertencimento de uma comunidade. Jovens que disseram amar a cidade que vivem, mas que desejam partir, pois, apesar de todo afeto que possam ter por Fortaleza, a cidade é violenta, a cidade segrega, a cidade destrói a vontade de permanecer nela. E para outros é o local que não conseguem viver longe, apesar de.

Um dos princípios que nortearam a construção deste produto foram as experiências afetivas que alunas e alunos guardam com a cidade. A forma de vivenciar, o olhar a cidade a partir da perspectiva dos alunos constituiu o fio condutor da criação deste produto.

Assim, analisando os discursos, narrativas que os alunos apresentaram sobre Fortaleza, foi preciso pensar um produto que pudesse dar conta do maior número possível de relatos e experiências, então, surgiu a ideia de utilizar a ferramenta do audiovisual como suporte para o produto, pois, o audiovisual traz em si muitas possibilidades de criação, um ótimo suporte para as mais diversas narrativas sobre um mesmo tema. Aprofundando mais no processo de criação do produto, chegou-se a ideia final de elaboração de três roteiros com temáticas específicas sobre a relação dos alunos com a cidade.

Para que o roteiro pudesse ser explorado em sua potencialidade foi preciso desenvolver alguns passos em seu planejamento e execução. Em uma estrutura simplificada para a criação de um roteiro é preciso pensar o tema, a estruturação da ideia que se pretende desenvolver, definir os personagens, fazer uma pesquisa de dados e por fim pensar as estruturas das cenas.

Pensar um roteiro é conseguir responder certas perguntas básicas como: o quê? Quem? Onde? Quando? Como? Por quê?

Se “o roteiro é fruto de um desejo de comunicação e expressão” (PISANI, [s.d.]), então é preciso que o aluno tenha em sua mente uma delimitação bem nítida da ideia, do que realmente deseja gravar. É preciso pôr no papel o que ele realmente quer transmitir.

Tomemos como exemplo determinado espaço da cidade de Fortaleza, a Praia de Iracema, sendo mais específico, a praia dos “*crush*”. Se o aluno desejar elaborar um roteiro/vídeo sobre este local ele deve ter definido bem as ideias, os sentimentos, a relação que ele tem com este espaço e em como transpor em imagens. Para isso, é importante que uma das fases da execução deste produto seja um debate entre os alunos sobre as ideias que eles têm sobre os roteiros que irão criar. “Quanto mais você conseguir detalhar aquilo que deseja, mais próximo de seu ideal sairá o projeto” (PISANI, [s.d.]).

Reunir os alunos em grupos, fazer uma roda de troca de ideias sobre o roteiro e sua execução é um ótimo momento não só para tornar o roteiro mais viável, mas também uma oportunidade para eles falarem sobre as percepções, sensações, sentimentos, experiências que eles possuem em relação a cidade. Um momento de muitas possibilidades de se falar sobre a história da cidade, em como um mesmo espaço é vivenciado de tantas maneiras, um momento de reflexão sobre o porquê de tantas formas de ser e estar na cidade, falar sobre as similaridades e diferenças no viver urbano.

Para além de todas as possibilidades de trocas que os alunos possam ter neste momento, é importante que eles saiam desta aula respondendo algumas questões para elaboração do seu roteiro: o que eu quero mostrar? Como eu quero mostrar isso? Por que eu quero mostrar isso? Quem é o meu personagem? Como ele vai fazer? Como ele vai agir?

O próximo passo consiste na definição das cenas que o aluno deseja gravar e na escrita de uma breve descrição de cada cena que se deseja registrar. Aqui é um momento que permitirá ao estudante um exercício de reflexão sobre como ele percebe a cidade, em como determinado local, manifestação cultural o toca, identificar e refletir sobre como específico traço da vida urbana lhe chama atenção.

Exemplo:

Cena 1: Praça do Ferreira - Tarde.

Fluxo de pessoas indo e vindo. Artistas de rua. Árvores da praça. Barulho dos carros, vendedores de rua falando ao microfone. Coluna da hora.

- Fala que deseja inserir sobre a cena que está sendo gravada.-

Cena 2: Praia de Iracema - Ponte Velha - Manhã.

Ondas embaixo das estruturas da ponte. Pessoas na areia, tomando banho de mar. Em cima da ponte vista para o barco encalhado Mara Hope. As crianças e adolescentes do Poço da Draga mergulhando no mar saltando da ponte velha.

-Fala que deseja inserir sobre a cena que está sendo gravada.-

O uso do roteiro como ferramenta do ensino de história local contempla certas resoluções e entendimento contido nos Parâmetros Curriculares Nacional para o Ensino médio, no tocante a disciplina História, nos diz o PCN:

O ensino de História pode desempenhar um papel importante na configuração da identidade, ao incorporar a reflexão sobre a atuação do indivíduo nas suas relações pessoais com o grupo de convívio, suas afetividades, sua participação no coletivo e suas atitudes de compromisso com classes, grupos sociais, culturas, valores e com gerações do passado e do futuro (BRASIL, 2002, p. 22).

A execução do roteiro por parte dos alunos permitirá que eles possam circular pela cidade com um outro olhar, pois estarão com um objetivo específico, será um exercício de caminhar e sentir a cidade de uma forma que não está habituado, afinal, não é sempre que o aluno realiza uma atividade de registrar a cidade pela sua perspectiva, pelo seu entendimento histórico e afetivo. E ainda nos Parâmetros Curriculares encontramos a seguinte diretriz:

Retirar os alunos da sala de aula e proporcionar-lhes o contato ativo e crítico com as ruas, praças, edifícios públicos e monumentos constitui excelente oportunidade para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa. Ao sintetizar as relações entre as durações e a constituição da memória e da identidade sociais, o ensino de História, desenvolvido por meio de atividades específicas com as diferentes temporalidades, especialmente da conjuntura e da longa duração, pode favorecer a reavaliação dos valores do mundo de hoje, a distinção de diferentes ritmos de transformações históricas, o redimensionamento do presente na continuidade com os processos que o formaram e a construção de identidades com as gerações passadas (BRASIL, 2002, p. 27).

A utilização deste produto, a proposta de roteiros, possui outros desdobramentos que são contemplados nos objetivos para a disciplina História nos PCN para o Ensino Médio. Assim, se alguns dos entendimentos do ensino de história são

- Construir a identidade pessoal e social na dimensão histórica, a partir do reconhecimento do papel do indivíduo nos processos históricos simultaneamente como sujeito e como produto dos mesmos;

- Atuar sobre os processos de construção da memória social, partindo da crítica dos diversos “lugares de memória” socialmente instituídos;
- Comparar problemáticas atuais e de outros momentos históricos;
- Posicionar-se diante de fatos presentes a partir da interpretação de suas relações com o passado (BRASIL, 2002, p. 28).

Então, o uso do roteiro no ensino de história local favorece o processo de investigação e compreensão do processo histórico que permeia a relação entre sujeito, cidade e história. Pensar e elaborar em como esta relação é pautada, em como um elemento interfere no outro favorece a percepção, a consciência de si como sujeito histórico.

Ao analisar os dados obtidos com esta pesquisa foi possível estruturar três eixos de análises: o imaginário que os alunos possuem sobre Fortaleza, a relação afetiva com a cidade e, por fim, a relação deles com a história da cidade. Dessa forma, os roteiros pensados seguem as linhas de análises constatadas neste processo de investigação.

Assim, diante da proposta de roteiro, os alunos fariam o registro de sua relação com a cidade. A proposta é a elaboração de “minidocumentários” com uma duração média de 2 minutos cada. Os materiais produzidos pelos alunos deverão ser exibidos unicamente em sala de aula e não hospedados em plataformas ou redes sociais como Youtube, Instagram. A proposta é que o material seja analisado e debatido entre alunos e professores envolvidos diretamente na execução da atividade proposta.

Levando em consideração a dificuldade da escola fornecer o equipamento necessário para a execução desta atividade, então, uma solução para este impasse é a utilização do celular/smartphone do próprio aluno para fazer o registro das imagens relacionadas com a proposta de cada roteiro.

Importante salientar que a escolha do roteiro a ser utilizado pelas professoras ou professores deverá ser feita a partir da demanda encontrada nas turmas que estiver trabalhando o conteúdo de história local.

#### **4.1 O produto. Roteiros de uma cidade: Caminhos, afetos e histórias**

##### **4.1.1 Informações gerais:**

1. Por entender que a escola não possa contar com recursos próprios para a execução do roteiro escolhido, o uso do celular, smartphone dos alunos para a realização da atividade é uma solução para este empecilho. Importante lembrar que os vídeos

deverão exibidos e debatidos pelos alunos e professores em sala de aula e não em redes sociais como Youtube, Instagram.

2. Para que a professora, professor possa trabalhar o maior número de vídeos durante a aula, recomenda-se que os vídeos produzidos pelos alunos tenham uma duração média de 2 minutos. Se for possível, o aluno poderá utilizar o laboratório de informática para edição do vídeo, fotos que ele registrar.
3. É recomendado que o uso dos roteiros seja articulado com aulas expositivas sobre: história local, o uso do audiovisual como fonte para a produção historiográfica, história urbana e afetividade.
4. Por ser uma atividade de certa complexidade, recomenda-se um período mínimo de 04 semanas para a realização e melhor aproveitamento dos roteiros em sala de aula: Sondagem com os alunos sobre a relação deles com a cidade, aulas expositivas, mobilização dos alunos para a execução do roteiro, exibição e debate sobre o que foi trabalhado em sala de aula a partir do olhar dos alunos sobre a cidade.
5. Importante ressaltar que os roteiros produzidos são o resultado de uma experiência de sala de aula. Certamente que cada localidade possui sua especificidade e a professora, professor de história saberá fazer as adaptações necessárias para uma melhor execução e aproveitamento dos roteiros sugeridos.

#### **4.2 Roteiro 01: A cidade que eu vivo: Imaginário e contradições.**

- Aqui a ideia central é perceber quais os elementos que os alunos identificam como fundadores do imaginário de cidade que ele vive. Pergunta norteadora: Quando você pensa a cidade de Fortaleza, que imagens surgem na sua mente, quais os locais que você acredita que traduzem a cidade?
- Questionar o porquê da escolha de determinados locais em detrimento de outros. Por que determinado local representa ou contra a história da cidade?
- Esta sugestão de roteiro surge como um dos desdobramentos da pesquisa feita com os alunos sobre a relação deles com a cidade. Foi constatado um perfil idealizado da cidade de Fortaleza onde as praias, o clima, os aspectos turísticos eram ressaltados, porém, esta imagem de uma cidade turística acolhedora vai perdendo espaço quando se aprofunda um pouco mais nos relatos dos alunos quando abordam as desigualdades sociais/econômicas que vivem. Surgem, então, aspectos contraditórios de uma mesma cidade.

- Essa proposta, então, permite que sejam confrontadas ideias de uma cidade existente em um imaginário e de uma cidade vivenciada por alunos, em sua maioria, de áreas periféricas da cidade. Onde essas cidades se encontram na experiência urbana deste aluno?
- Este roteiro, dependendo da realidade de sala de cada professora, professor poderá ser realizado em duplas ou pequenos grupos de alunos.

Para um melhor entendimento de como é possível perceber uma cidade turística e suas contradições trouxe algumas falas dos alunos e o recorte de uma manchete de jornal sobre a cidade de Fortaleza como um dos principais destinos turísticos do Brasil.

Figura 8 - Manchete do jornal Diário do Nordeste (2019)



Fonte: Diário do Nordeste (2019).

Se a cidade de Fortaleza, por sua paisagem natural, serviços e atrações turísticas, encontra-se como um dos principais destinos turísticos do país, a fala dos alunos nos mostram uma cidade para além deste retrato: “Uma cidade praiana e turística, entretanto em alguns locais a violência predomina”; “Por um lado eu acho bastante bacana por ter lazer como parques de diversão, shows, eventos etc. Mas também é uma cidade perigosa”; “Uma cidade perigosa, barulhenta, mas uma parte de mim, às vezes, acha ela uma cidade bonita, mas que não pode ser aproveitada pelo perigo”; “Uma cidade que se resume em praia, insegurança, ponto turístico, violência”, “Boa e ruim ao mesmo tempo. Boa porque temos uma cidade litorânea, com muitas opções de lazer tanto de dia como a noite, muitos locais históricos. Ruim por causa da violência.

Tá se tornando uma cidade cada vez mais perigosa”; “Vivo em uma área da cidade de população predominantemente pobre, por motivos como esse me sinto acuado quando visito áreas de uma classe social mais elevada”.

#### 4.2.1 Plano de Ação:

##### 4.2.1.1 Antes da gravação:

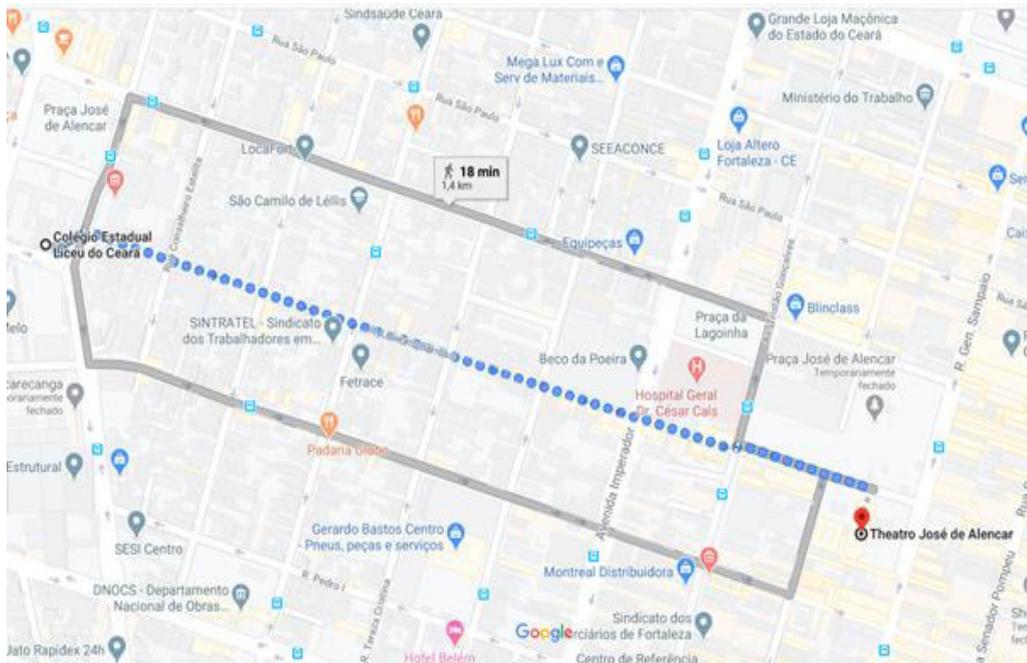
1. A aluna, aluno deverá pensar e decidir sobre quais locais e/ou situações ele identifica como os elementos que mostram a cidade na perspectiva deles. Podem ser locais, monumentos, manifestações culturais, cenas do cotidiano da cidade.
2. Escrever um pequeno texto (poucas linhas) sobre cada elemento escolhido. O texto deverá conter informações básicas como: que local/ manifestação cultural/ cena do cotidiano está sendo registrado, o porquê, na opinião da aluna/aluno, de cada escolha, como a cidade é traduzida por aqueles elementos.
3. Traçar uma rota/logística para o deslocamento e circulação pela cidade para chegar aos locais escolhidos.

Aqui exemplifico a proposta com a fala de uma aluna que identifica certos locais de identidade da cidade de Fortaleza. Em seguida, traço uma proposta de logística pautada pelos locais apontados no relato da aluna. Vale ressaltar que estabeleci como ponto de partida e de retorno a escola, no caso, o Colégio Estadual Liceu do Ceará.

Nos diz a aluna: “Acho que o centro da cidade como um todo, a praça do Ferreira, dos leões, o teatro José de Alencar são lugares que mostram um pouco da história de Fortaleza, assim como vários outros pontos turísticos”.

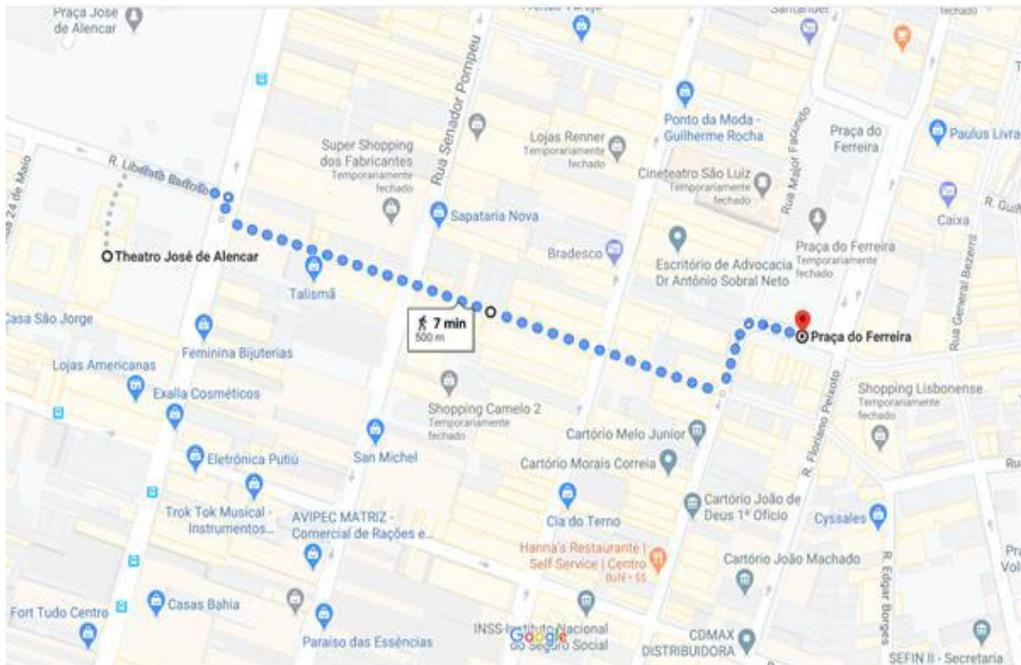
As rotas e estimativas de tempo foram geradas pelo site Google Mapas. É uma ferramenta bastante interessante para que os alunos possam perceber com maior clareza as distâncias e os modais de transporte que melhor se adequam a eles. Aqui foi traçada uma rota onde a aluna parte do Colégio Estadual Liceu do Ceará em direção ao Theatro José de Alencar, depois para a Praça do Ferreira, em seguida para a Praça do Leões e, então, retorna para o Colégio Estadual Liceu do Ceará.

Figura 9 – Trajeto Colégio Estadual Liceu do Ceará - Theatro José de Alencar



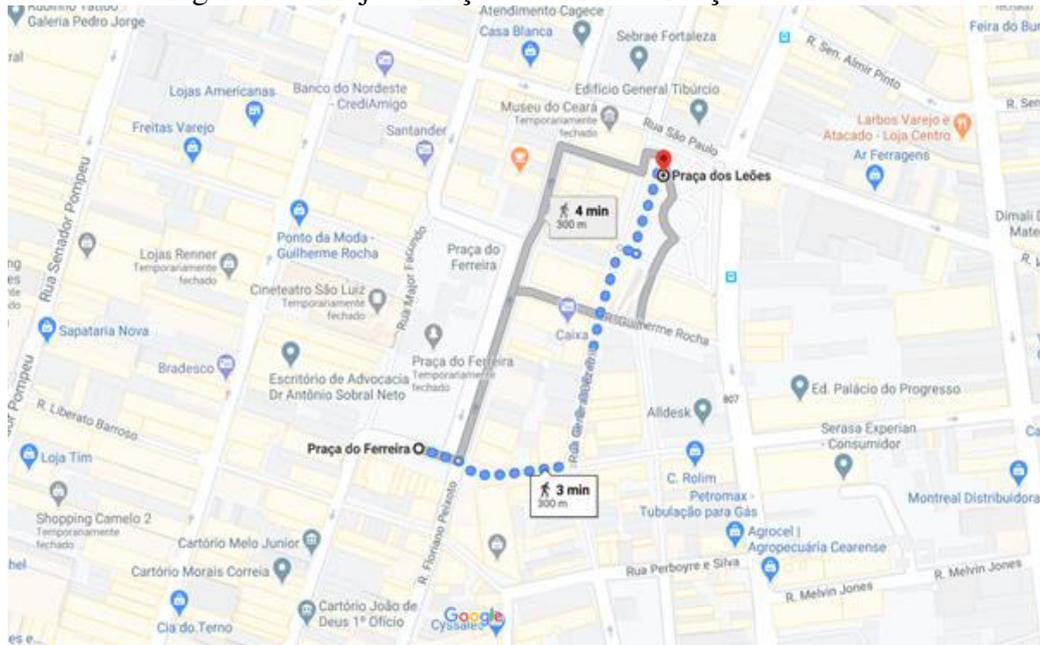
Fonte: Google Maps (2020).

Figura 10 - Trajeto Theatro José de Alencar - Praça do Ferreira



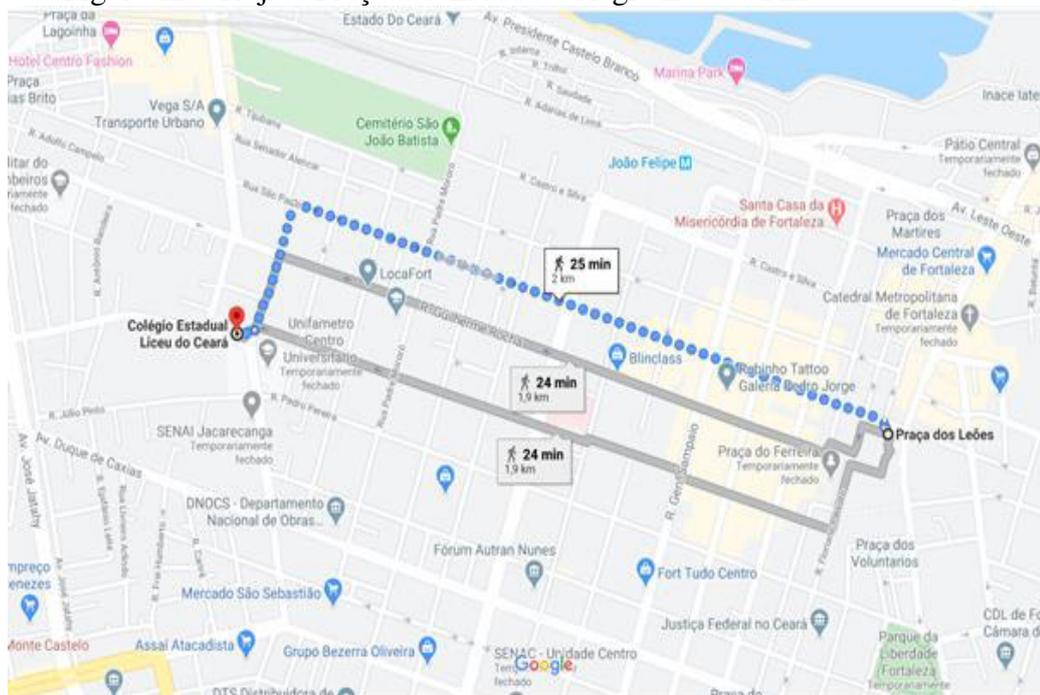
Fonte: Google Maps (2020).

Figura 11 - Trajeto Praça do Ferreira - Praça dos Leões



Fonte: Google Maps (2020).

Figura 12 - Trajeto Praça dos Leões - Colégio Estadual Liceu do Ceará



Fonte: Google Maps (2020).

#### 4.2.1.2 Gravando:

1. Ir para os locais escolhidos seguindo a rota previamente estabelecida.
2. Utilizar o celular/smartphone para a gravação. Para uma melhor qualidade do vídeo é importante que o celular/smartphone esteja posição horizontal e não na vertical.
3. Durante a gravação é interessante a aluna, aluno falar sobre o que está sendo gravado (texto já previamente redigido na etapa 2 das atividades *antes da gravação*).
4. Se porventura não seja possível a gravação de vídeo, seja por causa de algum imprevisto, capacidade de armazenamento do celular/smartphone, recomenda-se, então, que se fotografem os espaços/monumentos/cenas do cotidiano que o aluno tenha elencado.
5. Verificar se realmente houve a gravação/ fotografia nos arquivos do celular/smartphone.

#### 4.2.1.3 Editando:

1. Recomenda-se que a aluna, aluno possa trabalhar o material que ele registrou no laboratório de informática da escola.
2. A criação de um vídeo-sequência pode ser uma alternativa para os estudantes que realizaram execução da atividade com apenas fotografias. Caso seja esta opção a ser executada, o texto previamente escrito deverá ser apresentado pela aluna, aluno no momento da exibição do vídeo.
3. A sugestão é o que vídeo tenha uma duração média de 2 minutos para que a professora, professor possa trabalhar com o maior número possível de vídeos durante a aula.

### 4.3 Roteiro 02: Cidade de memórias e afetos. (Pertencimento, identificação)

- O objetivo desta proposta de roteiro é fazer com que a aluna, aluno possa expressar sua relação afetiva com a cidade que vive. Registrar os locais de memória que trazem sentido e identidade para eles. A cidade palco de seus sentimentos.
- Este roteiro surge como desdobramento de um dos campos de investigação desta pesquisa: como se dá a relação afetiva dos estudantes do Colégio estadual Liceu do

Ceará com a cidade de Fortaleza? Quais locais eles reconhecem e se identificam? Existe algum sentimento de pertencimento em relação com a cidade a partir desses locais?

Neste ponto retomo ao que foi constatado no processo de investigação: Nas falas dos alunos foi possível identificar que muitas referências de locais que remetem a infância destes estudantes, onde cresceram e outros espaços que costumam frequentar na fase atual de suas vidas. Alguns pontos chegam a coincidir com certos pontos entendidos como locais de memória da cidade, como algumas praças no centro de Fortaleza.

Se a cidade pode ser vivenciada de diversas formas, certamente os sentimentos apresentados pelos alunos em relação a cidade também foram percebidos em uma certa diversidade.

Nos diz alguns alunos e alunas sobre os locais com os quais se identificam:

“Praça do Ferreira, Praia de Iracema, Praia do Futuro, Shopping Benfica e North Shopping. Todos me marcaram, pois de alguma forma fizeram parte da minha vida e desenvolvimento”; “Praça do Liceu, porque passei minha infância lá”; “Shopping Benfica porque é perto da minha casa, Padre Mororó é a rua que meus avós moravam, Clube do Fortaleza porque meu avô quando vivo jogava pelo Fortaleza”; “Colégio Liceu do Ceará, porque é onde eu passo a maior parte do meu tempo e conheço muitas pessoas”; “O bairro Pirambu, porque eu cresci lá e lembro da minha creche, primeira escola, minhas amigas da infância e a casa que minha avó morava”.

E sobre os sentimentos foi possível constatar uma certa ambiguidade em relação à cidade, um desejo de deixar a cidade, algo compreensível para quem vive em uma cidade que não acontece da mesma maneira para todos, que permite um vislumbre do que poderia ser caso a desigualdade, o descaso do poder público para com a maior da população não fosse a regra, a normalidade para boa parte dos estudantes que participaram desta pesquisa.

Nos seguintes relatos Fortaleza surge como protagonista que possibilita sonhos, momentos de prazer e alegrias, a sensação de casa, mas também como realidade difícil, de empecilhos e de muitos não. Sentimentos muitas vezes contraditórios em uma mesma fala, o que torna a relação com a cidade de Fortaleza muito mais interessante e rica de possibilidades de análises e entendimentos sobre o que é viver em Fortaleza, sobre como é ser e estar na capital cearense. E sobre os sentimentos:

“Depende. Em relação a rua eu me sinto preso por causa da violência e dos meus pais. Não acho muito boa de se viver. Em outros lugares, como o meu bairro, eu me sinto confortável.

Em Shopping como o Iguatemi eu me sinto desconfortável. Eu acho que Fortaleza é muito diversificada”; “Sentimento de orgulho e também tristeza. Tristeza por não poder explorar mais a cidade”; “Um sentimento de admiração por ser uma cidade muito da hora, mas nem todo mundo sabe valorizar uma cidade rica em ponto turístico como a nossa Fortaleza”; “Sentimento que só dá vontade de ir embora”; “De apego, de ser minha casa”; “Por hora tem sido uma cidade interessante, vivo bem nela, o que pesa é não saber sua história”; “Um sentimento bom, já que vivi minha vida toda aqui, mas não pretendo ficar nela para sempre”; “Não sou muito apegada”; “Esperança que melhore e que eu vá morar em um bairro movimentado”; “Sendo sincera, eu tenho um apego com a cidade por ter vivido aqui toda a minha vida, mas eu acho que poderia ser melhor”; “Amor e ódio”; “Gosto de morar aqui, mas na primeira oportunidade de ir embora, eu vou”.

- Ao analisar os dados obtidos foi possível perceber que muitos alunos não estabelecem ou elencam como locais de memória os monumentos considerados históricos da cidade e, assim, muitos alegam não se identificar ou ter um sentimento de pertencimento com Fortaleza. Porém, quando convocados a apontar locais que dizem sentido afetivo, que possuem um significado histórico para eles, apontam os locais da infância, locais das experiências do cotidiano, temos, então, as ruas próximas de casa, as praças [ou algum outro local do bairro que cresceram, até mesmo a escola surge como este espaço de memória e identidade.

Para uma melhor compreensão deste ponto, retomo os relatos coletados durante a pesquisa e ilustro com um relato de uma aluna sobre determinado local da cidade, a lagoa do Urubu localizada no bairro Álvaro Weyne.



1. A aluna, aluno deverá pensar e decidir sobre quais locais possuem um significado afetivo. Com quais locais é identificado como espaços de memória para eles. Em quais locais, espaços eles nutrem um sentimento de identidade e, de certa forma, pertencimento.
2. Escrever um pequeno texto (poucas linhas) sobre cada elemento escolhido. O texto deverá conter informações básicas como: que local está sendo registrada, o porquê (na opinião da aluna, aluno) de cada escolha, quais sentimentos e histórias que aquele local desperta nele, por que a identificação com este espaço?
3. Traçar uma rota/logística para o deslocamento e circulação pela cidade para chegar aos locais escolhidos.

#### 4.3.1.2 Gravando:

1. Ir para os locais escolhidos seguindo a rota previamente estabelecida.
2. Utilizar o celular/smartphone para a gravação. Para uma melhor qualidade do vídeo é importante que o celular/smartphone esteja posição horizontal e não na vertical.
3. Durante a gravação é interessante a aluna, aluno falar sobre o que está sendo gravado (texto já previamente redigido na etapa 2 das atividades *antes da gravação*).
4. Se porventura não seja possível a gravação de vídeo, seja por causa de algum imprevisto, capacidade de armazenamento do celular/smartphone, recomenda-se, então, que se fotografe os espaços/monumentos/cenas do cotidiano que o aluno tenha elencado.
5. Verificar se realmente houve a gravação/ fotografia nos arquivos do celular/smartphone.

#### 4.3.1.3 Editando:

1. Recomenda-se que a aluna, aluno possa trabalhar o material que ele registrou no laboratório de informática da escola.
2. A criação de um vídeo-sequência pode ser uma alternativa para os estudantes que realizaram execução da atividade com apenas fotografias. Caso seja esta opção a ser executada, o texto previamente escrito deverá ser apresentado pela aluna, aluno no momento da exibição do vídeo.

3. A sugestão é o que vídeo tenha uma duração média de 2 minutos para que a professora, professor possa trabalhar com o maior número possível de vídeos durante a aula.

#### **4.4 Roteiro 03: Conhecendo a História da minha cidade**

- O objetivo deste roteiro é abordar a relação que o aluno tem com a história da cidade que vive.
- Também como desdobramento dos resultados obtidos com a pesquisa, foi possível constatar que são poucos os alunos que dizem saber sobre a história da cidade de Fortaleza, contudo, muitos dizem que se conhecessem a história da cidade mudaria a forma de se relacionar com ela, haveria um sentimento de maior proximidade e identidade com a cidade, conhecer a história para se sentir, de alguma forma, pertencente a ela.
- Esta proposta de roteiro, diferente dos outros dois, deve ser aplicado após uma sondagem do professor acerca do conhecimento histórico que os alunos possuem sobre a cidade que vivem. É o momento onde o professor deve ficar atento aos relatos dos alunos sobre o que eles conhecem ou não conhecem sobre a cidade. Perceber se o aluno manifesta o interesse, a curiosidade de conhecer, saber mais a respeito de determinado aspecto da cidade.
- Após as aulas sobre a história local, sobre alguns esclarecimentos sobre determinados pontos da cidade, o aluno deverá mostrar como ficou a percepção antes e depois das aulas.

Aqui demonstro com um relato de uma aluna sobre sua experiência com dois bairros da cidade, Jacarecanga e o Centro, após o conhecimento histórico sobre eles:

“Passei a sentir a Jacarecanga, que até então eu não sabia que existia, passei a ver com outros olhos a praça os casarões e as pessoas. Vivenciar o Centro da cidade me dá uma nostalgia, mesmo não tendo vivido quase nada (ainda). As histórias que me contam sobre a praça do Ferreira fazem meus olhos brilharem”.

- Por fim, saber dos alunos como é (re) visitar certos espaços da cidade depois que se conhece a história daquele lugar. Há alguma aproximação ou mudança na forma de

caminhar pela cidade quando se conhece um pouco dos locais ou das manifestações culturais? Fica-se mais “íntimo” da urbe? O Olhar passa a captar outras nuances que até então passavam despercebidas?

- Este roteiro, dependendo da realidade de sala de cada professora, professor poderá ser realizado em duplas ou pequenos grupos de alunos.

#### 4.4.1 Plano de Ação:

##### 4.4.1.1 Antes da gravação:

1. Diferente do roteiro 01 e roteiro 02, este roteiro deverá ser executado após a sondagem da professora, professor sobre o que os estudantes sabem sobre a história da cidade e após aulas expositivas sobre história local.
2. A aluna, aluno deverá escrever suas impressões geral sobre a cidade, o que sabe sobre ela, os espaços urbanos e/ou manifestações culturais, cenas do cotidiano que lhe chama atenção, mas que não conhece nada ou muito pouco sobre estes elementos da cidade. Relatar se a relação com a cidade passa, também, pelo conhecimento de sua história.
3. Elencar quais locais/ cenas a aluna, aluno pretende gravar, contar sua relação com aquele espaço, como é transitar pela cidade quando se conhece mais da história local.
4. Traçar uma rota/logística para o deslocamento e circulação pela cidade para chegar aos locais escolhidos.

##### 4.4.1.2 Gravando:

1. Ir para os locais escolhidos seguindo a rota previamente estabelecida.
2. Utilizar o celular/smartphone para a gravação. Para uma melhor qualidade do vídeo é importante que o celular/smartphone esteja posição horizontal e não na vertical.
3. Durante a gravação é interessante a aluna, aluno falar sobre o que está sendo gravado (texto já previamente redigido na etapa 2 das atividades *antes da gravação*).
4. Se porventura não seja possível a gravação de vídeo, seja por causa de algum imprevisto, capacidade de armazenamento do celular/smartphone, recomenda-se,

então, que se fotografem os espaços/monumentos/cenas do cotidiano que o aluno tenha elencado.

5. Verificar se realmente houve a gravação/ fotografia nos arquivos do celular/smartphone.

#### *4.4.1.3 Editando:*

1. Recomenda-se que a aluna, aluno possa trabalhar o material que ele registrou no laboratório de informática da escola.
2. A criação de um vídeo-sequência pode ser uma alternativa para os estudantes que realizaram execução da atividade com apenas fotografias. Caso seja esta opção a ser executada, o texto previamente escrito deverá ser apresentado pela aluna, aluno no momento da exibição do vídeo.
3. A sugestão é o que vídeo tenha uma duração média de 2 minutos para que a professora, professor possa trabalhar com o maior número possível de vídeos durante a aula.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível crescer e viver em uma cidade e não saber nada sobre ela? De um jeito ou de outro criamos uma imagem sobre ela, muitas vezes alimentadas por histórias que os familiares e os mais velhos nos contam, pelos monumentos, construções, certas canções, livros, as festas e tradições, o jeito de falar, de se vestir etc. São elementos que se somam para compor o imaginário que cada um elabora sobre o local que vive. Transitar por determinados espaços e se sentir acolhido influi diretamente no sentimento de pertença, na construção de uma identidade com a urbe.

Perceber que de alguma forma a história pessoal e a história da cidade se relacionam de uma maneira mais próxima do que se costuma pensar é uma reflexão que deveria ser mais comum do que realmente é. A escola deve ser um espaço para se falar, debater, refletir e elaborar essa relação entre cidade-indivíduo e assim contribuir ainda mais para acentuar sua percepção como ser histórico. Contudo, em muitas escolas não há este espaço para reflexões que o ensino de história local pode proporcionar.

Em minha experiência como professor de história do ensino médio da rede pública do Ceará pude constatar a falta deste espaço para a história local. Em um Ensino Médio que visa basicamente o preparo do aluno para a realização de provas externas, como ENEM, a falta do ensino de história local tem consequências. De maneira mais imediata e de forma geral os alunos encerram o ensino básico sem saberem o mínimo sobre a cidade, dos locais, do processo de transformação e constituição do espaço urbano que nasceram e vivem até então. A história local pode ser um meio de aproximação do aluno com a história, pois ele poderá desenvolver a habilidade de relacionar sua história de vida com os elementos de uma história macro.

Buscar entender a cidade a partir das relações de afetos dos alunos com os espaços urbanos, das experiências de exclusão e pertencimento são maneiras de fazer com que aluno perceba que os processos de desenvolvimento econômico e social da cidade interfere diretamente na forma como ele vive a cidade.

O ensino da história local permite ao aluno refletir sobre a construção da memória de determinados espaços não só no tempo presente, mas também no passado. Comparar as visões de memorialistas, viajantes e cronistas com as percepções dos alunos favorece a habilidade de analisar a cidade em temporalidades diferentes, entender a dinâmica dos usos dos espaços de memória. E certamente, proporciona ao aluno uma reflexão sobre a forma que a cidade chega até ele, em como foi se construindo a relação de identidade com o espaço urbano.

Fazer esta pesquisa com os alunos foi algo muito interessante. Quão enriquecedor foi poder investigar a relação que os alunos possuem com a cidade de Fortaleza. Ao propor que os alunos falem de suas experiências, sobre como eles pensam e sentem sobre a cidade, ao falar eles também se escutam e podem analisar de maneira mais crítica a desconstrução de uma imagem sobre a cidade.

E ao mesmo tempo quão cruel é constatar que estes adolescentes, boa parte deles, não podem transitar livremente pela cidade devido ao medo de sofrerem algum tipo de violência. Violência nos mais diversos campos de significados. Medo de estar em um território controlado por uma facção diferente da que controla o bairro que ele mora, a violência do descaso do poder público que não assegura transporte adequado para os bairros mais periféricos de Fortaleza dificultando o acesso e deslocamento por outros espaços da cidade, a violência do racismo, da sensação de inadequação por causa da forma como se vestem, se portam, do jeito de falar e se expressar, um existir alvo de olhares de repreensão e constrangimento apenas pelo fato de não corresponderem ao modelo branco-cristão-heteronormativo que existe em Fortaleza. A violência escolar por não proporcionar em seu conteúdo programático a oportunidade do aluno de conhecer de maneira apropriada, com mais recursos, a história do local em que vive, de entender como se deu o processo de ocupação, transformação e expansão do espaço que depois se tornaria a cidade palco de suas experiências.

Contudo, também foi possível perceber uma cidade vivenciada por outros afetos, todo um gostar, certo deslumbramento por uma Fortaleza que ainda consegue encantar por sua gente, pelas brincadeiras e jogos nas ruas dos bairros, na caminhada pelo centro da cidade, nos banhos de mar na Praia de Iracema, Pirambu, Titanzinho, no saltar da ponte velha e mergulhar no mar como quem sabe que é preciso lançar-se na imensidão para sentir a vida pulsar por todo o corpo e ter a certeza que ainda há vida, que se existe, apesar de.

No último relato de uma aluna que trago para esta dissertação é possível ter uma dimensão do quão rico é trabalhar a partir das experiências dos estudantes, nos diz esta aluna:

Acho que em cada pôr do sol que eu vejo dentro do ônibus, em cada tropeço que eu dou, enquanto corro rua acima para não me atrasar. Fortaleza conta um pouco de mim, cada rua que eu atravesso, em cada pessoa que esbarro nessa cidade, é ela contando a minha história, pois eu vivo aqui, então de certo modo, cada passo meu é dado com Fortaleza ao meu lado, minha vida por enquanto é nela e pode ser contada por ela nas marcas que deixo pra trás (Aluna J.G.R.).

A forma de viver e perceber a cidade diz muito sobre quem somos. A cidade que nos é permitida viver diz muito sobre como somos em sociedade.

Pensar roteiros sobre a cidade a partir da vivência dos alunos é uma forma de fazer com que os alunos possam se apropriar e se questionar sobre a cidade que vivem. Um produto que pode facilmente ser adaptado para as mais diversas realidades escolares do país e que coloca o aluno como protagonista na construção do conhecimento. O uso do audiovisual como linguagem na elaboração de um pensamento histórico sobre o espaço urbano permite que a narrativa possa ganhar forma, movimento, sons, identidade.

A história local deve ter seu espaço nas escolas, na grade curricular do Ensino Médio, e para contribuir para este debate é que esta dissertação desenvolveu um produto que possa ser utilizado por professoras e professores que sentem a importância de entender a cidade pela perspectiva do estudante. Transformar narrativas em imagens, aguçar este olhar mais reflexivo que poderá fomentar outras percepções e entendimentos da relação aluno-cidade.

E por fim, em tempos onde o revisionismo e a negação do conhecimento histórico ganham cada vez mais espaço não só apenas no Brasil, mas também em outras partes do mundo, se faz cada vez mais urgente resistir e lutar pelo direito à memória, ao direito de se reconhecer como parte da história.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. **Revista Território**, v. 3, n. 4, p. 5-26, 1998.
- BARROS, José D'Assunção. **História, Espaço, Geografia: diálogos interdisciplinares**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- BERGAMIN, Fabíola Matte. **Currículo e exame nacional do ensino médio: rupturas e permanências na conformação dos saberes históricos escolares**. 2013. 193 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez Editora, 2018. *E-book* (não paginado).
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ed. São Paulo: Cia das letras, 1994.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio: Ciências Humanas e suas tecnologias**. Brasília: MEC, 2002. Disponível em: <https://bit.ly/2THNSpv>. Acesso em: 9 mai. 2020.
- BRESCIANI, Maria Stella. Cidade e história. *In*: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 16-35.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- CEARÁ. Governo do Estado do Ceará. **Mapa Cultural do Ceará** – Praça do Ferreira, 2 ago. 2017. Disponível em: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/espaco/291/>. Acesso em: 4 ago. 2020.
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Educação. **Escola em Tempo Integral**, 2017. Disponível em: <https://www.seduc.ce.gov.br/escola-em-tempo-integral/>. Acesso em: 9 mai. 2020.
- CERRI, Luís Fernando. **Ensino de história e consciência histórica**. 1º ed. Rio de Janeiro: FGV, 2011. *E-book* (não paginado).
- \_\_\_\_\_. Os objetivos do ensino de história. **História & Ensino**, v. 5, p. 137-146, 2012.
- CRUZ, Dulce Márcia da. A produção audiovisual na virtualização do ensino superior: subsídios para a formação docente. **ETD – Educação Temática Digital**, v. 8, n. esp., p. 23-44, 2007.
- CUNHA, Bruno Ornelas da. **Jogo urbano: história local no Ensino de história**. 2016. 90 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2016.

CHAVES, Gylmar; VELOSO, Patrícia; CAMPELO, Peregrina (Orgs.). **Ah Fortaleza!** Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2006.

DIAS, Milton. **Relembrações**. 2.ed. Fortaleza: EUFC, 1997.

FAGUNDES, José Evangelista. **A história local e seu lugar na história:** histórias ensinadas em Ceará-Mirim. 2006. 195 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

FEDATTO, Carolina Padilha. **Um saber nas ruas:** o discurso histórico sobre a cidade brasileira. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

FEITOSA, Márcia; MELO, Emanoela Campelo de. Mapa das facções feito pela Sejus é revelado. **Diário do Nordeste**, 10 dez. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3jHPJFz>. Acesso em: 21 mai. 2020.

FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Dias de. **Dicionário de ensino de história**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

FORTALEZA. Prefeitura de Fortaleza. **Conheça o bairro:** Praia do Lido/Crush, 2010. Disponível em: <https://www.praiaideiracema.com/localidades/praiado-lidocrush>. Acesso em: 5 ago. 2020.

FORTALEZA é a mais procurada no verão por turistas do NE, diz MTur. **Diário do Nordeste**, 23 dez. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3e6RjzA>. Acesso em: 18 mai. 2020.

FORTALEZA é uma das cidades mais desiguais da América Latina, diz ONU. **G1**, 22 ago. 2012. Disponível em: <https://glo.bo/3e6K1Me>. Acesso em: 14 mai. 2020.

GERMINARI, Geyso Dongley. **A história da cidade, consciência histórica e identidades de jovens escolarizados**. 2010. 186 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GIRÃO, Raimundo. **Geografia estética de Fortaleza**. 2º ed. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1979.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade:** literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes:** do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos Errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012. *E-book* (não paginado).

JUCA, Gisafran Nazareno Mota. Fortaleza: cultura e lazer (1945 – 1960). *In*: SOUSA, Simone; GONÇALVES, Adelaide (Orgs.). **Uma nova história do Ceará**. 4. Ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

LEPETIR, Bernard. **Por uma nova história urbana**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

MARTINS, E. C. de R. O enigma do passado: construção social da memória histórica. **Textos de História**, v. 15, n. 1/2, 2007.

MELLO, Rafael Cardoso de; LASTORIA, Andrea Coelho; ALMEIDA SANTOS, José Faustino de. “Caminhar”, “(re) configurar” e produzir curtas-metragens: o relato de uma prática escolar em Ribeirão Preto/SP. **Espaço Plural**, v. 16, n. 32, p. 120-148, 2015.

MENEZES, Raimundo de. **Coisas que o tempo levou**: crônicas históricas da Fortaleza antiga. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

MILEN, Suamid Ferreira; LIMA, Carlos Sousa; CHAGAS, Sílvia Lílian Lima. O Audiovisual em Sala de Aula: possibilidades metodológicas em criação de vídeos. *In*: BRASIL, Marcus Ramusyo de Almeida. **De Luz e Sombra**. São Luís: EDIFMA, 2020. p. 105.

MOTA, Camila Veras. Como Fortaleza se tornou a região metropolitana mais violenta do Brasil. **G1**, 7 mar. 2019. Disponível em: <https://glo.bo/31TmQAd>. Acesso em: 14 mai. 2020.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, 1993.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). **Cidade**: história e desafios. Rio de Janeiro: FGV, 2002. 295 p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. *E-book* (não paginado).

\_\_\_\_\_. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. **Tempos acadêmicos**, Criciúma, n 1, 2003.

\_\_\_\_\_. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, v. 27, n. 53, p. 11-23, 2007.

\_\_\_\_\_. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, 2005.

\_\_\_\_\_. História, memória e centralidade urbana. **Revista Mosaico** - Revista de História, v. 1, n. 1, p. 3-12, 2008.

PISANI, Marília Mello. **Escaleta e Roteiro**. [S.l.: s.n.], [s.d.]. Disponível em: <https://bit.ly/3oENWEY>. Acesso em: 5 ago. 2020.

PONTE, Sebastião Rogério. A Belle Èpoque em Fortaleza: remodelação e controle. *In*: SOUSA, Simone de; GONÇALVES, Adelaide (Orgs.). **Uma nova história do Ceará**. 4. Ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

ROMERO, Manuela Linck de. **Cartografias de experiências urbanas: corpo, pensamento e cidade em movimento**. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2018.

SILVA, José Borzacchiello da Silva. A cidade contemporânea no Ceará. *In*: SOUSA, Simone de; GONÇALVES, Adelaide (Orgs.). **Uma nova história do Ceará**. 4. Ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

SISNANDO, Jéssika. Tiroteiros simultâneos entre facções são registrados em Fortaleza e RMF. **O Povo**, 23 abr. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3kEDr1W>. Acesso em: 14 mai. 2020.

SOARES, Ingrid. Facções criminosas mantêm ataques em Fortaleza e cidades do interior. **Correio Braziliense**, 9 jan. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3oASwUG>. Acesso em: 14 mai. 2020.

TOSI, Marcela. Fortaleza é a quinta cidade brasileira com maior percentual de casas em favela. **O Povo**, 19 mai. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/31UN5Gs>. Acesso em: 19 mai. 2020.